

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 545 | Ano XIX | 18/11/2019

# Cultura Pop

Na dobra do óbvio, a emergência  
de um mundo complexo

**Thiago Soares** **Simone Pereira de Sá**  
**Luis Mauro Sá Martino** **Renato Ferreira Machado**  
**Adriana Amaral** **Gelson Weschenfelder**

## Leia também

- Lilia Schwarcz
- Faustino Teixeira
- João Ladeira



# Cultura Pop. Na dobra do óbvio, a emergência de um mundo complexo

**U**ltrapassar a aparência imediata de produtos da cultura popular oferece inúmeras camadas de compreensão da sociedade, tanto em suas dimensões éticas – valores e princípios –, quanto em sua dimensão estética – da reconfiguração do bom e do belo. Com o desejo de compreender as complexidades em jogo nesses processos, a revista IHU On-Line dedica seu tema de capa aos debates em torno da Cultura Pop, reunindo entrevistas de pesquisadoras e pesquisadores de todo o país.

**Thiago Soares**, professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, pensa como elementos da Cultura Pop expressam nossas contradições desigualdades sociais. “A ideia de colonialidade nos ajuda a reconhecer como a Cultura Pop assenta ideais de modernidade e globalização em países colonizados e como também faz realçar as desigualdades destes contextos”, problematiza.

**Luis Mauro Sá Martino**, doutor em ciências sociais pela PUC-SP e professor na Cásper Líbero, analisa os fenômenos culturais e comunicacionais em perspectiva com a possibilidade de pensarmos nosso estar no mundo pautado na relação com as alteridades. “É um esforço no sentido de chegar ao outro, esse ‘semelhante dessemelhante’, como define o poeta mexicano Octávio Paz. Nessa articulação entre o comum e o diferente, acredito, há um dos espaços possíveis para a Comunicação”, pontua.

**Adriana Amaral**, professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, discute a potência teórica e epistemológica dos estudos em Cultura Pop para a Comunicação e apresenta os desafios de investigar estes objetos. “Embates como fãs e haters, resistências, questões de gênero, juventude, cultura material, interseccionalidade, políticas identitárias, relações sociais, relações de trabalho, práticas decoloniais, enfim uma série de questões contemporâneas e que aparecem no âmago dos estudos de mídias e comunicacionais podem ser pensados e visualizados de forma bastante enfática a partir das lógicas e da circulação da cultura pop”, frisa.

**Simone Pereira de Sá**, professora titular da Universidade Federal Fluminense – UFF, discute a circulação das expressões afetivas nos ambientes digitais e fala sobre a importância de desnaturalizar valores canônicos de apreciação estética. “Me parece que o desafio mais importante é desconstruir este ‘cânone’ e desnaturalizar os valores

supostamente universais da apreciação estética. A partir daí, é possível construir uma agenda para identificar um conjunto de inovações sonoras, performáticas e de criatividade popular veiculadas pelas músicas periféricas”, sustenta.

**Renato Ferreira Machado**, doutor em Teologia pelas Faculdades EST e coordenador da Área de Educação e Cultura e líder do Grupo de Pesquisa Universos Paralelos da Universidade La Salle, debate o filme *Coringa* (2019) em perspectiva com a Divina Comédia, de Dante. “O mais perturbador é como o filme mostra o que significa ser humano em nossos tempos. Afinal, a Divina Comédia também é sobre isso”, argumenta.

**Gelson Weschenfelder**, doutor em Educação pela Universidade La Salle, vê nos quadrinhos uma forma de trabalhar conteúdos que parecem abstratos. Mas, alerta: “cultura pop não é somente cultura de massa ou popular”.

Ainda sobre o tema de capa, o grupo de pesquisa CultPop, da Unisinos, publica periodicamente podcasts discutindo temáticas correlatas a esta edição. Os programas podem ser acessados em <http://bit.ly/podcastculturapop>.

A presente edição conta ainda com o artigo de **Faustino Teixeira**, professor e pesquisador da Universidade Federal de Juiz de Fora, intitulado “Jacques Dupuis: a nobreza da coerência evangélica” e a entrevista com a professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo – USP **Lilia Schwarcz** sobre os 130 anos da Proclamação da República. **João Martins Ladeira**, professor na Universidade Federal do Paraná – UFPR, publica resenha sobre o filme *Parasita*, de Bong Joon-ho e vencedor da Palma de Ouro 2019.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!



Arte da capa: Tarciso Salvador.

# Sumário

- 4 ■ **Temas em destaque**
- 6 ■ **Agenda**
- 8 ■ **Entrevista** | Proclamação da República: 130 anos depois, ainda um processo inconcluso
- 12 ■ **Tema de capa** | **Thiago Soares**: Sob as lentes da Cultura Pop, as contradições e as desigualdades sociais
- 16 ■ **Tema de capa** | **Luis Mauro Sá Martino**: Reinscrever no mundo uma estética e uma ética Comunicação
- 20 ■ **Tema de capa** | **Adriana Amaral**: Ver para além do conhecido. Os desafios da pesquisa da Cultura Pop
- 24 ■ **Tema de capa** | **Simone Pereira de Sá**: Cultura Pop, a construção de uma rede de sentimentos
- 27 ■ **Tema de capa** | **Renato Ferreira Machado**: Gotham City como umbral do Inferno
- 30 ■ **Tema de capa** | **Gelson Weschenfelder**: Quadrinhos e uma Filosofia vivenciada na prática
- 35 ■ **Cinema** | **João Ladeira**: Além do que se vê
- 38 ■ **Artigo** | **Faustino Teixeira**: Jacques Dupuis: a nobreza da coerência evangélica
- 47 ■ **Outras edições**

**IHU** ON-LINE  
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) e no endereço [www.ihuonline.unisinos.br](http://www.ihuonline.unisinos.br).

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

**Diretor de Redação**  
Inácio Neutzling  
(inacio@unisinos.br)

**Coordenador de Comunicação - IHU**  
Ricardo Machado – MTB 15.598/RS  
(ricardom@unisinos.br)

**Redação**  
João Vítor Santos – MTB 13.051/RS  
(joaovs@unisinos.br)

Patrícia Fachin – MTB 13.062/RS  
(prfachin@unisinos.br)

Wagner Fernandes de Azevedo  
(wfazevedo@unisinos.br)

**Revisão**  
Carla Bigliardi

**Projeto Gráfico**  
Ricardo Machado

**Editoração**  
Gustavo Guedes Weber

**Atualização diária do sítio**  
Inácio Neutzling, César Sanson,

Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evely Zilch, Luana Ely Quintana, Wagner Fernandes de Azevedo, Amanda Bier e Fred Wichrowski.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**Instituto Humanitas Unisinos - IHU**

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS  
CEP: 93022-000

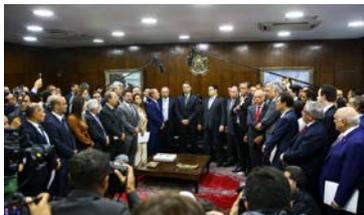
**Telefone:** 51 3591 1122 | Ramal 4128  
**e-mail:** [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

**Diretor:** Inácio Neutzling  
**Gerente Administrativo:** Nestor Pilz  
([nestor@unisinos.br](mailto:nestor@unisinos.br))

Entrevistas completas em [www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias)

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU na última semana.

## “O diagnóstico de Guedes é que o crescimento é baixo porque o Estado não se sustenta”



*“Para recuperar o crescimento da economia brasileira de forma mais sustentável, tem que diminuir o tamanho do Estado”.*

José Luis Oreiro, professor adjunto do Departamento de Economia da Universidade de Brasília.

## Plano mais Brasil é um projeto de aprofundamento da desigualdade econômica e social



*“Não é preciso ser economista, jurista, politicólogo, sociólogo etc., para perceber que esta PEC não tem o menor sentido de crescimento econômico”.*

Guilherme Delgado, doutor em Economia pela Unicamp

4

## O complexo encontro da transparência com a democracia



*“A estratégia não é mais de colocar nas mãos do marqueteiro para ele construir uma narrativa bonita e grandiloquente e conseguir que se organize toda uma narrativa de uma campanha”.*

Francisco Brito Cruz, doutor e mestre em Filosofia e Teoria Geral do Direito na Faculdade de Direito da USP.

## Repensar o Brasil é uma tarefa fundamental



*“O problema inicial é que os políticos profissionais, partidocratas, parecem não entender ou não querer entender o próprio 2013”.*

Antonio Risério, poeta, ensaísta e escritor.

## A polarização discursiva e a falta de um projeto de crescimento econômico e de inclusão social



*Rudá Ricci, Luiz Werneck Vianna e Roberto Dutra analisam a conjuntura política nacional, a partir da soltura do ex-presidente Lula*

Textos na íntegra em [www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias)

Confira algumas notícias públicas recentemente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU

### Uma análise de fundo a partir do golpe de Estado na Bolívia

*Honduras sofreu o primeiro golpe de Estado de novo tipo na América Latina (junho de 2009) já na execução do Projeto Pontes, no ciclo dos chamados Golpes Constitucionais auxiliados pelo Departamento de Estado dos EUA: Honduras 2009, Paraguai junho 2012 e Brasil abril de 2016. O mais recente golpe de Estado se deu no fechamento desse texto, em novembro de 2019, na Bolívia. O comentário é de Bruno Lima Rocha*

Disponível em <http://bit.ly/2XdNoJ2>.

### A fábula do crescimento

*“Queremos continuar a ter um crescimento do PIB sem inflação, acompanhado por um desemprego exorbitante, uma explosão de desigualdades, um aumento da miséria para a maioria de nós e um agravamento de catástrofes ecológicas? Ou estamos prontos para aceitar a inflação se não cortar o poder de compra dos assalariados e se permitir reduzir as emissões, criar empregos “verdes”?”, pergunta Gaël Giraud, economista, padre jesuíta e economista-chefe da Agência Francesa de Desenvolvimento.*

Disponível em <http://bit.ly/2CGI7QM>.

### Bolívia: um levante popular aproveitado pela extrema direita

*“A imensa maioria das pessoas que vivem na Bolívia não entrou no jogo de guerra que Morales-García Linera quiseram impor quando renunciaram e lançaram seus partidários na destruição e nos saques (principalmente em La Paz e El Alto), provavelmente para forçar a intervenção militar e, assim, justificar sua denúncia de um “golpe” que nunca existiu”, escreve Raúl Zibechi, jornalista e analista político uruguaio.*

Disponível em <http://bit.ly/2QgvXWL>.

5

### A encruzilhada da democracia no Brasil

*“Os tempos da justiça e o longo caminho que o poder judiciário deverá percorrer para recuperar a credibilidade parecem estar em desacordo com os tempos da política. E, acima de tudo, com a urgência da maior de todas as encruzilhadas, que é desativar a polarização e impedir uma generalização da violência, que conta hoje com todos os ingredientes para uma combustão descontrolada”, escreve Federico Neiburg, professor de Antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro.*

Disponível em <http://bit.ly/2XcbOSW>

### Sinodalidade não é apenas uma opção: é o único modo de ser Igreja

*“A sinodalidade não é meramente uma opção a ser recuperada, mas, de fato, é o único modo autêntico de ser Igreja”. A opinião é do frei franciscano estadunidense Daniel P. Horan, professor assistente de Teologia Sistemática e Espiritualidade no Catholic Theological Union, em Chicago*

Disponível em <http://bit.ly/33QYqWY>

### Vandana Shiva: “Temos de destruir o mito de que a tecnologia é uma religião”

*Cientista e ativista ambiental, fundou a organização não governamental Navdanya, que promove a biodiversidade de sementes, a agricultura biológica e os direitos dos agricultores na Índia. Esteve no Porto para falar de colonização, a nova e a antiga. A reportagem é de Andrea Cunha Freitas, publicada por Público.*

Disponível em <http://bit.ly/34YL6zW>

Programação completa em [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)

**A construção de uma sociedade convivial: perspectivas a partir de Kate Raworth e Ivan Illich**

18/Nov

**Horário**  
17h às 19h

**Mediação**  
ObservaSinos

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

**Círculo Cultural – Ecofeira Unisinos**

20/Nov

**Horário**  
13h às 14h

**Coordenação**  
Prof. Dr. Telmo Adams –  
PPG Educação – Unisinos

**Local**  
Corredor central em frente  
ao Instituto Humanitas  
Unisinos – IHU | Campus  
Unisinos São Leopoldo

**Projetos de Reforma tributária no Brasil e a (des)igualdade. Possibilidades e Limites**

21/Nov

**Horário**  
17h30min às 19h

**Conferencista**  
Profa. Dra. Rosa Angela  
Chieza – UFRGS

**Local**  
Corredor central em frente  
ao Instituto Humanitas  
Unisinos – IHU | Campus  
Unisinos São Leopoldo

6

**Seminário O direito à moradia em direção às cidades sustentáveis: uma agenda para 2020 em São Leopoldo**

22/Nov

**Horário**  
13h30min às 20h30min

**Local**  
Sala Colaborativa da Biblioteca | Campus Unisinos São Leopoldo

**O mito do crescimento econômico: análises e perspectivas a partir de Jeffrey Sachs e Serge Latouche**

27/Nov

**Horário**  
12h às 14h

**Mediação**  
ObservaSinos

**Local**  
Andar B | Instituto Humanitas Unisinos – IHU | Campus Unisinos Porto Alegre

**Oficina: Construindo sua horta – Ecofeira Unisinos**

27/Nov

**Horário**  
14h às 16h

**Ministrantes**  
Daiani Fraporti dos Santos,  
Denise Maria Schnorr e  
Gelson Luiz Fiorentin –  
PASEC – Unisinos

**Local**  
Horta da Gastronomia –  
Campus Unisinos  
São Leopoldo



## ECOFEIRA

04 de dezembro (quarta-feira)

14h às 16h – Cine-vídeo: Desperdício de alimentos: problema humanitário e ambiental

**Local: Corredor em frente ao Instituto Humanitas Unisinos – IHU**





Ecologia integral e a construção de outra economia: análises e perspectivas a partir de Edgar Morin

02/Dez

**Horário**  
17h às 19h

**Mediador**  
Prof. MS Gilberto Faggion  
– Unisinos

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e  
Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

Ecologia integral e a construção de outra economia: análises e perspectivas a partir de Edgar Morin

04/Dez

**Horário**  
12h às 14h

**Mediador**  
Prof. MS Gilberto Faggion  
– Unisinos

**Local**  
Andar B | Instituto Humanitas  
Unisinos – IHU  
Campus Unisinos  
Porto Alegre

Oficina Direito ao alimento e direitos do consumidor – Ecofeira Unisinos

04/Dez

**Horário**  
13h às 14h

**Mediação**  
PRASJÜR

**Local**  
Corredor central em frente  
ao Instituto Humanitas  
Unisinos – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

Ciclo de Estudos



# Preparando o PACTO GLOBAL para uma outra ECONOMIA

O mito do crescimento econômico: análises e perspectivas a partir de Jeffrey Sachs e Serge Latouche

**27 de novembro**  
**12h às 14h**  
**Andar B – Espaço IHU**  
**Campus Unisinos Porto Alegre**

Confira a programação completa em:  
[ihu.unisinos.br/evento/pacto-global-economia](http://ihu.unisinos.br/evento/pacto-global-economia)



# Proclamação da República: 130 anos depois, ainda um processo inconcluso

Para Lilia Schwarcz, “enquanto tivermos esses dois grandes inimigos, a corrupção e o patrimonialismo, não teremos de fato uma república”

João Vitor Santos

8

**E**m 15 de novembro de 1889, um grupo de militares liderados pelo marechal Manuel Deodoro da Fonseca destituiu o imperador Pedro II e instalou um governo provisório republicano. Embora a historiografia tradicional ainda dê conta de que Deodoro da Fonseca foi o líder desse movimento, sabe-se que, de fato, a República é proclamada na Câmara-Geral do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, e que esse teria sido apenas o ponto alto de um longo movimento republicano que tensionava o império. Inclusive, são muitas as correntes que defendem que o processo republicano brasileiro inicia em 1817, quando a Revolução Pernambucana explode como uma revolta contra os exageros para manter a Família Real vinda de Portugal, em 1808. Mas, o certo é que hoje o Brasil celebra 130 anos da instalação de sua República. Para alguns historiadores, essa não é uma festa plena. “A grande questão é que nós vivemos numa grande república que ainda não pratica valores republicanos”, observa a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz.

Na entrevista a seguir, concedida por telefone à **IHU On-Line**, Lilia observa que a República no Brasil de hoje se revela como um processo ainda inconcluso. “Basta ver como continuamos imersos nessas questões da corrupção, que é um dos grandes inimigos da república. Também as práticas de patrimonialismo, que são muito frequentes”, exemplifica. “Enquanto tivermos esses dois grandes inimigos da República, a corrupção e o patrimonialismo, não teremos de fato uma república”, acrescenta.

Para Lilia, os valores republicanos vividos a pleno devem estar no lastro de princípios de igualdade. No entanto,

nem mesmo quando acaba com a escravidão o Brasil consegue tratar sua gente com equidade, pois negros eram libertados, mas não inseridos na sociedade. Aliás, uma lógica ainda presente atualmente. “A igualdade nunca foi um valor, uma qualidade extensiva para todo nosso país. Ou seja, a igualdade vale para algumas populações e não tanto para outras”, avalia. Por isso a professora considera importante ter a visão crítica de que os ideais republicanos brasileiros não foram plenificados nem mesmo nas matrizes que os inspiram, como a francesa e inglesa, e é preciso olhar para outras fontes, como a Revolução Haitiana. “A Revolução Haitiana foi uma revolução republicana, mas traduzida na linguagem do *vudu*, uma linguagem mais africana e que radicalizou a noção de igualdade”, explica. E indica: “uma república deve contemplar diferentes realidades, mas deve ser justa, celerada, igualitária para todo um país”.

Por fim, Lilia Schwarcz também analisa a conjuntura política atual, num contexto de um governo que, para ela, reforça as amarras que impede a efetivação de um espírito republicano. “Esse novo governo prometeu uma nova política e está praticando uma velha política”, aponta. “Estamos diante de um governo que não respeita as minorias sociais e de um governo que pratica a censura quando as instituições sobre a sua égide não atuam da maneira como ele imagina que seria correta. Esse é um governo que tem estimulado também muito ódio, tem trabalhado na base da polarização política e a polarização é sempre um problema porque ela não alimenta o diálogo”.

**Lilia Moritz Schwarcz** é historiadora e antropóloga, doutora em Antro-

pologia Social pela Universidade de São Paulo e, atualmente, professora titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da mesma universidade. Também é professora titular na Global Scholar em Princeton, nos Estados Unidos, colunista do Jornal Nexo e curadora adjunta do Museu de Arte de São Paulo – Masp. Entre os inúmeros livros publicados, destacamos “Retrato em branco e negro” (São Paulo: Cia das Letras, 1987), “Espetáculos das raças” (São Paulo: Cia das Letras, 1993), “As Barbas do Imperador” (São Paulo: Cia

das Letras, 1998), “O sol do Brasil” (São Paulo: Cia das Letras, 2008), “Brasil: Uma biografia” (São Paulo: Cia das Letras, 2015) e “Lima Barreto - Triste visionário” (São Paulo: Cia das Letras, 2017). Em 2019, lançou “Sobre o autoritarismo brasileiro” (São Paulo: Cia das Letras, 2019) e, mais recentemente, juntamente com Heloisa Murgel Starling, organizou “Dicionário da República” (São Paulo: Cia das Letras, 2019) e “Três Vezes Brasil” (Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Passados 130 anos da Proclamação da República no Brasil, ainda resta um sentimento de mal-estar, de um projeto que ainda não deu certo? Por quê?**

**Lilia Schwarcz** – A grande questão é que nós vivemos numa grande república que ainda não pratica valores republicanos. Basta ver como continuamos imersos nessas questões da corrupção, que é um dos grandes inimigos da república. Também as práticas de patrimonialismo, que são muito frequentes. Basta ver as atitudes de nosso chefe do governo no sentido de favorecer os seus filhos e mesmo o fato de abandonar o partido pelo qual ele foi eleito para criar um novo partido. É como se adotasse a máxima de Luis XIV, que dizia ‘o Estado sou eu’. Agora, o presidente diz ‘o partido sou eu’.

No entanto, não é apenas o nosso chefe do Executivo que pratica o patrimonialismo. Basta vermos que a bancada dos parentes cresceu muito no Brasil ao invés de diminuir. Por outro lado, o Brasil continua sendo um país muito desigual. Segundo a Oxfam, somos o nono país mais desigual do mundo e a desigualdade e a falta de equidade são verdadeiros inimigos da república.

O outro grande inimigo, como já mencionei, é a corrupção. A corrupção retira verbas dos setores básicos do país, me refiro à educação, saúde,

transporte, moradia, perspectiva de vida e de morte. Enquanto tivermos esses dois grandes inimigos da República, a corrupção e o patrimonialismo não teremos de fato uma república.

**IHU On-Line – O que os movimentos republicanos da História do Brasil, de Revolução Pernambucana a Canudos e Sabinada, legam ao país? Em que medida a nossa república de hoje atinge os ideais buscados por esses movimentos?**

**Lilia Schwarcz** – No livro [Dicionário da República” (São Paulo: Cia das Letras, 2019)], nós mostramos que foram vários os movimentos que clamaram por uma república mais propriamente dita, não uma república para as elites, mas uma república para toda a população. Um fato que sempre lembro é que logo após a abolição da escravidão circulou um dito entre as populações então libertas, as populações negras, que destacava a liberdade poderia ser negra, mas que a igualdade era branca. O que isso quer dizer? Que a igualdade nunca foi um valor, uma qualidade extensiva para todo nosso país. Ou seja, a igualdade vale para algumas populações e não tanto para outras.

Por isso é que no Dicionário, Heloisa [Murgel Starling] e eu incluímos algumas matrizes do republicanismo, algumas mais conhecidas como

a matriz francesa, a inglesa, a norte-americana, mas incluímos também a matriz haitiana. A Revolução Haitiana foi uma revolução republicana, mas traduzida na linguagem do *vudu*, uma linguagem mais africana e que radicalizou a noção de igualdade. Esta revolução mostrou para o mundo, primeiro, que escravizados não eram escravizados para sempre e, ao contrário, poderiam lutar pela sua liberdade e gerir o seu Estado. E, segundo, que a noção de igualdade proposta pela Revolução Francesa não contemplava a todas as populações.

Ora, esse problema ainda temos no Brasil e é da minha opinião que não teremos uma república enquanto praticarmos um racismo estrutural e institucional como vimos praticando no Brasil. Enquanto não tivermos uma verdadeira igualdade não teremos um República no Brasil.

**IHU On-Line – Se o Brasil não é um só, como, diante da atual conjuntura política e social, compreender e enxergar minimamente esses “Brasis”?**

**Lilia Schwarcz** – O Brasil é um país de dimensões continentais e isso faz com que a realidade seja de fato multifacetada, como você destaca. Basta analisarmos como votaram os brasileiros em 2018. Houve uma divisão muito clara, muito acirrada entre a região nordeste e a região do sul do Brasil. A região nordeste vo-

tando basicamente no Partido dos Trabalhadores e as regiões sudeste e sul reagindo a esse partido, a suas práticas e votando maciçamente num candidato mais radicalmente à direita como Jair Bolsonaro.

Isso revela também como práticas políticas, econômicas, social e culturais foram implementadas de maneiras diferentes nas distintas regiões do Brasil, com favorecimento da região sudeste. Nós chamamos atenção, no livro, como desde a vinda da Família Real, se formos recuar, que a grande crítica de Pernambuco, que alimentou a Sedição em Pernambuco, era a de que as taxas todas eram consumidas na região sudeste e não iam para a região nordeste. Enfim, temos aqui uma divisão no Brasil e é muito difícil dizer como nós podemos acabar com ela. Acho que uma república deve contemplar diferentes realidades, mas deve ser justa, celerada, igualitária para todo um país.

### **IHU On-Line – Como contar a história contemporânea da República que temos vivido?**

**Lilia Schwarcz** – Não preciso dizer como contar uma História Contemporânea porquê do presente todos nós temos direito e, como se diz, todos nós podemos falar. Mas, também, todos nós não conseguimos falar. Como sempre dizia o Conselheiro Ares, personagem de Machado de Assis, ‘as coisas só são previsíveis quando já aconteceram’. No entanto, se eu contar só do que aconteceu até agora e não tentar falar do futuro, podemos dizer que esse novo governo prometeu uma nova política e está praticando uma velha política.

Podemos dizer, também, que em 30 anos de uma democracia bastante estabelecida, com os votos sendo realizados nas urnas e as instituições bastante estáveis, estamos vivendo agora um outro momento. Sem dúvida as eleições de 2018 foram realizadas nas urnas, mas o próprio presidente agora quer – e fala isso – que novas eleições sejam feitas, usando cédula de papel e não o voto eletrônico, pondo em discussão, em desconfiança a própria eleição que o levou ao poder.

Também estamos diante de um governo que não respeita as minorias sociais e de um governo que pratica a censura quando as instituições sobre a sua égide não atuam da maneira como ele imagina que seria correta. Esse é um governo que tem estimulado também muito ódio, tem trabalhado na base da polarização política e a polarização é sempre um problema porque ela não alimenta o diálogo, o diálogo republicano, a confraternização republicana, a solidariedade republicana, mas alimenta a divisão.

Então, eu temo que, quando formos contar a história republicana desse momento, observaremos que tivemos uma espécie de *backlash*, uma volta atrás, um grande recuo de uma série de valores que considerávamos consolidados. Mas, democracia é assim mesmo. Os valores que nós conquistamos tem que serem sempre conquistados mais uma vez, novamente, e assim serão valores pelo quais, de fato, nós lutamos. ■

## Leia mais

- **A atualidade da obra [Raízes do Brasil, de Antônio Cândido] e a necessidade de ser lida no seu tempo.** Entrevista com Lilia Schwarcz, publicada na revista IHU On-Line número 498, de 28-11-2016, disponível em <http://bit.ly/2qxPNO7>.

- **Antonio Candido e sua lufada de ar na forma de ver o Brasil.** Entrevista especial com Lilia Moritz Schwarcz, publicada nas Notícias do Dia de 15-06-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/33LV0EO>.

- **“Há um desejo de ver a ditadura como uma utopia”.** Entrevista com Lilia Schwarcz, publicada nas Notícias do Dia de 08-10-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/33KdZ2z>.



## ECOFEIRA

27 de novembro (quarta-feira)

14h às 16h – Oficina: Construindo sua horta

Coordenação: Denise Schnorr, Gelson Fiorentin e Daiani Fraporti

Local: Horta na Gastronomia - Escola de Saúde da Unisinos



II Ciclo de estudos

# ONTOLOGIAS ANARQUISTAS



Ronald Augusto  
poeta e escritor



## Literatura negra: crítica às poéticas hegemônicas



Prof. Dr. Eduardo Sterzi  
Unicamp



## Guimarães Rosa entre os indígenas



Prof. Dr. Eder da Silveira  
UFCSA



## Mário de Andrade: a vanguarda de Macunaíma, o primeiro bárbaro tecnicizado

Assista as palestras em  
nosso canal do YouTube

**You**Tube

[youtube.com/ihucomunica](https://www.youtube.com/ihucomunica)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

**UNISINOS**

# Sob as lentes da Cultura Pop, as contradições e as desigualdades sociais

Thiago Soares, interessado em objetos de pesquisa voltados ao consumo popular, percebe as engrenagens das negociações culturais entre os centros hegemônicos e as periferias

João Vitor | Edição: Ricardo Machado

12

**D**efinir de forma sumária a Cultura Pop está longe de ser um exercício simples. Pensá-la a partir de noções já estabilizadas no âmbito dos estudos de Comunicação, pode oferecer uma maneira mais complexa de compreender o fenômeno. “Como conceito, Cultura Pop derivaria de uma intensificação do que se poderia chamar de Cultura de Massa (como pensaram autores da Escola de Frankfurt) ou de Cultura da Mídia (na leitura de autores dos Estudos Culturais), dentro de visões mais críticas (ideias de padronização, homogeneização, mercantilização e fetichismo de mercadoria) ou mais integradas (popularização da cultura, revisão de cânones elitistas, politização das estéticas populares)”, pondera o professor e pesquisador **Thiago Soares**, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

“Não sou totalmente crítico, mas também não completamente entusiasmado da Cultura Pop. Talvez, a postura de pesquisadores e acadêmicos sobre a Cultura Pop seja sempre de espreita, desconfiança e prudência. Reconhecendo que se trata de um lugar privilegiado para observar consensos culturais, mas também não se furtando a enxergar dissensos e controvérsias de artistas, produtos e público fã”, debate o professor. É a partir desse, digamos assim, enfrentamento com os objetos da Cultura Pop, que questões sociais de fundo emergem. “A ideia de colonialidade nos ajuda a reconhecer como a Cultura Pop assenta ideais de moder-

nidade e globalização em países colonizados e como também faz realçar as desigualdades destes contextos. Um show de música pop com uma estrela internacional no Brasil, por exemplo, ressalta a desigualdade brasileira: quem pode pagar para entrar? Que cor tem as pessoas que estão dentro? Que marcadores sociais são acionados a partir destas lógicas de consumo? Acho estas perguntas mais potentes e inquietantes”, explica Soares.

Em um processo de construção cidadã baseada no consumo, mas também em sua dispersão, a utopia do fim dos grandes grupos de mídia nunca se realizou, o que é efeito, também, da plasticidade do capitalismo. “Com o processo de digitalização, de desintermediação e de liberdade de consumo se supôs que os conglomerados midiáticos iriam sucumbir. O que vemos é exatamente o contrário. A concentração do poder em poucos grupos (Google, Facebook, Netflix) e a ênfase em corporações que se espriam e fagocitam outras”, afirma o entrevistado.

**Thiago Soares** é professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Autor dos livros “Música Pop en Cuba: Globalización, Territorios y Solidariedad Digital” (2018), “Ninguém é Perfeito e a Vida é Assim: A Música Brega em Pernambuco” (2017) e “A Estética do Videoclipe” (2013).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Como o senhor compreende o conceito de Cultura Pop e, em que medida,**

**essa perspectiva se articula em oposição a ideia de “experiência autêntica”?**

**Thiago Soares –** Acho interessante esta pergunta porque sugere a Cultura Pop como conceito, algo que,

## “A Cultura Pop poderia ser definida como a produção de bens simbólicos e materiais ligados a indústrias do entretenimento, dentro de uma lógica global e cosmopolita”

em tese, ela não é. A Cultura Pop poderia ser definida como a produção de bens simbólicos e materiais ligados a indústrias do entretenimento, dentro de uma lógica global e cosmopolita, que se constrói a partir de padrões estéticos do *mainstream*. Em linhas gerais, a Cultura Pop deriva da formação de sistemas industriais da cultura, ou seja, estúdios de cinema e televisão, gravadoras, editoras, entre outras instâncias, que promovem o encontro entre a cultura e a economia voltada a públicos amplos e claramente definidos.

Como conceito, Cultura Pop derivaria de uma intensificação do que se poderia chamar de Cultura de Massa (como pensaram autores da Escola de Frankfurt) ou de Cultura da Mídia (na leitura de autores dos Estudos Culturais), dentro de visões mais críticas (ideias de padronização, homogeneização, mercantilização e fetichismo de mercadoria) ou mais integradas (popularização da cultura, revisão de cânones elitistas, politização das estéticas populares).

O termo é bastante desafiador na medida em que aparece muito conectado a uma perspectiva anglófila (o termo inglês “pop”) e também pelo legado da Pop Art, que embora tecesse críticas ao capitalismo, desenvolvia uma relação ambígua com os produtos oriundos do capital. O fato é que a Cultura Pop serve conceitualmente para pensarmos as encruzilhadas do capitalismo no campo da cultura: o que o agenciamento das indústrias do entretenimento fizeram com nossas sensibilidades estéticas? Não sou totalmente críti-

co, mas também não completamente entusiasta da Cultura Pop. Talvez, a postura de pesquisadores e acadêmicos sobre a Cultura Pop seja sempre de espreita, desconfiança e prudência. Reconhecendo que se trata de um lugar privilegiado para observar consensos culturais, mas também não se furtando a enxergar dissensos e controvérsias de artistas, produtos e público fã.

### **IHU On-Line – A Cultura Pop pode ser, em alguma medida, um mecanismo de descolonização? Em que sentido?**

**Thiago Soares** – O “lugar de fala” (para usar um termo bastante usual atualmente) da Cultura Pop é a cultura global, centrada na anglofilia e na produção cultural dos Estados Unidos. No entanto, acho pouco instigante a tese de observar os produtos da cultura pop pela lente do “imperialismo” pura e simplesmente. De fato há um jogo de poder que se impõe, mas também há formas de resignificação nos contextos de fruição que podem trazer leituras “bastardas” de produtos pop, como a maneira com que sujeitos nas Filipinas reinterpretam as divas pop norte-americanas com vestidos feitos de bananeiras e saltos de tijolos precários ou indianos que fazem a coreografia do videoclipe “Thriller” de Michael Jackson misturando com passos de dança de filmes musicais de Bollywood (a indústria de cinema de Mumbai, na Índia).

Essas resignificações ocorrem e nos ajudam a mostrar a força das culturas e dos hibridismos. No en-

tanto, mais recentemente tenho lido um autor peruano chamado Anibal Quijano<sup>1</sup>, que fala sobre “colonialidade”, ou seja, sobre o sistema de pensamento, saberes e condutas que se formam nas dinâmicas coloniais. A ideia de colonialidade nos ajuda a reconhecer como a Cultura Pop assenta ideais de modernidade e globalização em países colonizados e como também faz realçar as desigualdades destes contextos. Um show de música pop com uma estrela internacional no Brasil, por exemplo, ressalta a desigualdade brasileira: quem pode pagar para entrar? Que cor tem as pessoas que estão dentro? Que marcadores sociais são acionados a partir destas lógicas de consumo? Acho estas perguntas mais potentes e inquietantes.

### **IHU On-Line – É possível apreender identidades locais a partir da Cultura Pop? De que forma?**

**Thiago Soares** – A Cultura Pop pode ser um interessante mecanismo para realçar as desigualdades regionais em países colonizados. Por exemplo, no Brasil, lembro do contexto de aparição da cantora paraense Gaby Amarantos<sup>2</sup>, que ficou famo-

<sup>1</sup> **Anibal Quijano** (1930-2018): sociólogo e pensador humanista peruano, doutor Honoris Causa pelas Universidades Central da Venezuela (UCV) e Nacional Autónoma de Guadalajara (UAG). Conhecido por ter desenvolvido o conceito de “colonialidade do poder”. Seu trabalho tem sido influente nas áreas de estudos pós-coloniais e da teoria crítica. Destacou-se por várias publicações que refletem sobre a realidade da América Latina. Foi professor da Universidad Nacional de San Marcos, atuando também na Universidad de Binghamton, e foi fundador da cátedra América Latina y la Colonialidad del Poder na Universidad Ricardo Palma. Considerado como um dos fundadores da sociologia crítica. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Gaby Amarantos** [Gabriela Amaral dos Santos] (1978): é uma cantora, atriz, apresentadora e compositora bra-

sa pela canção “Ex-Mai Love” e por representar a cena musical do tecnobrega do Pará no Brasil. Gaby era uma cantora de relativo sucesso no contexto paraense, mas desconhecida no Brasil. O gesto dela em direção a uma forma mais global e moderna de se colocar no mercado foi acionar a sua semelhança com a cantora norte-americana Beyoncé.

Gaby Amarantos gravou uma versão do hit “Single Ladies” que levou o nome “Hoje eu Tô Solteira” e ganhou ampla divulgação midiática inclusive chegando a se apresentar no programa Domingão do Faustão, da Rede Globo, sob a alcunha de “A Beyoncé do Pará”. Parece-me sintomático que a cantora tenha recorrido a imagem de Beyoncé para se afirmar como paraense e também como “nacional” ou “global”. Olhar este episódio pela lente da Cultura Pop mostra as diferenças e desigualdades do Brasil: como uma artista paraense faz para não ser lida apenas pela “chave” da figura folclórica ou exótica? Neste caso, Beyoncé funciona como uma forma de Gaby Amarantos negociar com as instâncias midiáticas localizadas no Rio de Janeiro e São Paulo, ou seja, as ideias de centro e margem são repensadas não apenas no tocante aos Estados Unidos, mas aos “centros” que existem no próprio contexto brasileiro.

**IHU On-Line – De que maneira a constituição da música na Cultura Pop pode contribuir para o entendimento de dinâmicas culturais de nosso cotidiano?**

**Thiago Soares** – A música na Cultura Pop é o lugar mais sintomático para entender as dinâmicas e ingerências da digitalização no consumo cultural. Foi na música que primeiro se baixou canções e álbuns inteiros, que se mostrou os

sileira, onhecida por sua exuberância e por seu figurino extravagante - composto por brincos grandes, sapatos de 20 centímetros de altura com leds, roupas coloridas, cílios postiços, apliques de cabelo e acessórios coloridos -, foi uma das responsáveis pelo surgimento e difusão do tecnobrega, ritmo que virou febre na Região Norte do Brasil. Ficou conhecida nacionalmente após lançar a música “Hoje Eu Tô Solteira”, uma versão da música “Single Ladies”, da cantora americana Beyoncé, e escrita pela banda paraense Banda Os Brothers. (Nota do **IHU On-Line**)

impasses de uma produção cultural desintermediada, em que os modelos de negócio da indústria fonográfica foram primeiro questionados. A youtubização da cultura, por exemplo, começou com a música e a disseminação de videocliques em plataformas de compartilhamento audiovisuais. É portanto no campo da produção musical que se desenvolveram os primeiros testes sobre consumo streaming que viria culminar com o nascimento de novos conglomerados de entretenimento ligados ao streaming como a Netflix, o Amazon Prime e a GloboPlay.

“Não sou totalmente crítico, mas também não completamente entusiasta da Cultura Pop”

**IHU On-Line – No seu atual projeto de pesquisa, o senhor trabalha a música brega do Brasil e a cumbia villera da Argentina e, entre suas hipóteses, há a de que moradores das periferias de metrópoles latino-americanas reivindicam cidadanias. Gostaria que o senhor detalhasse essa perspectiva e explicasse como se dá essa busca por uma cidadania através de manifestações da cultura pop.**

**Thiago Soares** – É impossível desvincular o consumo de Cultura Pop na América Latina e as dinâmicas culturais das periferias das metrópoles. Foi através da minha pesquisa sobre Cultura Pop que cheguei ao consumo da música brega em Pernambuco primeiro porque vários artistas de música brega faziam versões (sem pagar direitos autorais)

de músicas pop internacionais. Por exemplo, “Despacito”, sucesso de Luis Fonsi, virou “Necessito”, na voz da banda de brega Sedutora. “Let it Go”, canção da trilha do filme “Frozen – Uma Aventura Congelante”, virou “Nada Sou”. Os exemplos são muitos. Mas me parece que há uma tentativa de falar de questões locais com um “acento” global.

Estas canções parecem narrar a maneira precária e imperfeita como cidadãos das margens do mundo interpretam os cânones do pop. É destas imperfeições que percebemos as desigualdades do mundo e também como as formas de cidadania também são desiguais e precárias. Tanto no brega, no Brasil, quanto na cumbia villera, na Argentina, há uma forte presença da ostentação e de artistas se apresentarem perto a ícones do consumo, mostro vários exemplos no livro *Ninguém é Perfeito e a Vida é Assim: A Música Brega em Pernambuco* (Recife: Editora Carlos Gomes de Oliveira Filho, 2017). São indícios de uma cidadania que se faz no consumo e não nas bases da política formal, cidadanias parciais e precárias que colocam em risco e em crise as bases do entendimento do que é ser cidadão diante de crises econômicas promovendo a perigosa ideia de que tudo se resolve através da relação com o capital, com a iniciativa privada e com o empreendedorismo e que o Estado formal não importa.

**IHU On-Line – Como, a partir da sua experiência de pesquisa da realidade cubana, a música pop pode se perfilar como um front para enfrentamentos políticos e midiáticos? E, especificamente no caso de Cuba, o que está em disputa e em que campos?**

**Thiago Soares** – Entre os anos de 2015 e 2017, fiz pesquisa de consumo de música pop em Cuba, que resultou no livro *Música Pop en Cuba: Globalización, Territorios y Solidaridad Digital* (Barcelona: Editora UOC, 2018), em que debato como se dão as formas de escuta e comércio

de música pop na ilha socialista que durante anos não permitiu o consumo destes produtos por serem “falados em inglês”. A minha premissa de pesquisa era compreender que, mesmo no lugar mais “fechado” aos produtos da Cultura Pop na América Latina, ainda assim havia vestígios e marcas desta produção na ilha. Seja através da circulação de bens (discos, filmes, etc) através de pessoas que viajavam e voltavam para a ilha, através da pirataria e também pelas redes digitais.

Ainda que haja todo este amplo consumo de produtos ligados à Cultura Pop em Cuba, há também a consciência formada em anos de socialismo que entende a importância do lugar do bem estar social no cotidiano da ilha. Minha pesquisa mostra que há uma disputa geracional em Cuba (jovens ávidos pelo consumo global, adultos e idosos conectados com os ideais da Revolução Cubana) em constante atrito que aponta para impasses no processo de modernização da ilha socialista. A Cultura Pop me ajuda a entender estas negociações e impasses geopolíticos também.

**IHU On-Line – Além da música, que outros produtos da Cultura Pop da atualidade têm se mostrado potentes para promoção de resistências e reivindicações de uma identidade e direitos (ou cidadanias) locais?**

**Thiago Soares** – A cultura dos seriados é atualmente a mais potente forma de geração de empatia e de sociabilidades na cultura contemporânea entre jovens. Amplas discussões sobre questões raciais, de gênero, da macropolítica e da micropolítica passam pelos seriados, que foram amplificados pela cultura streaming e pelo consumo audiovisual em mídias móveis. Os seriados pautam estilos de vida e colocam no cotidiano debates sobre suicídio e saúde mental (13 Reasons Why), sobre a presença da igreja e do Estado religioso na vida das mulheres (Handmaid’s Tale), sobre a política em sentido amplo (Years and Years), sobre os impasses

raciais na sociabilidade jovem (Cara Gente Branca), entre outros temas. Os seriados formam redes de debates online e offline constituindo maneiras de se enxergar e enxergar o Outro através de uma lente que passa pela Cultura Pop.

**IHU On-Line – Quais os desafios para se falar de resistência e ativismo político a partir de personagens da cultura pop, como a cantora Madonna? Como apreender o que está por trás da performance e dos movimentos da indústria cultural?**

**Thiago Soares** – Todo modelo de corpo, de comportamento e de estilo de vida que é ancorado pela Cultura Pop exclui uma série de outras expressões. No caso de Madonna<sup>3</sup>, quando ela apareceu, nos anos 1980, com a pauta da liberação feminina e da sexualidade das adolescentes, certamente falava de seu lugar de mulher branca, loira e do norte dos Estados Unidos. Embora tenha posturas extremamente progressistas, como a defesa da liberdade da mulher, do aborto, a crítica aos governos republicanos nos EUA (de Reagan<sup>4</sup> a Trump<sup>5</sup>), Madonna também reitera uma narrativa de vigilância sobre o corpo, de modelos de magreza e de empreendedora de si que se

conecta com a cultura do consumo glorificada pelos Estados Unidos. Ou seja, como todos nós somos contraditórios, Madonna e os produtos da Cultura Pop também são. Não é possível olhá-los apenas como dispositivos conservadores ou progressistas. Eles são – muitas vezes – ambos. Porque querem negociar com amplas plateias e com contextos mais globais. Gosto de olhar as contradições destes produtos. É um exercício diário e fascinante.

**IHU On-Line – Ainda hoje, num mundo global e hiperconectado, ainda faz sentido falar em indústria cultural? E essa indústria pode representar alguma ameaça às identidades locais?**

**Thiago Soares** – Faz muito sentido falar em indústrias culturais sim. No plural. Indústrias que se conectam e formam redes de consumo e de negócios. Com o processo de digitalização, de desintermediação e de liberdade de consumo se supôs que os conglomerados midiáticos iriam sucumbir. O que vemos é exatamente o contrário. A concentração do poder em poucos grupos (Google, Facebook, Netflix) e a ênfase em corporações que se espraiam e fagocitam outras.

As disputas globais, no entanto, agora apresentam um novo cenário em que o Oriente aparece como uma força cultural e estética também impressionante na Cultura Pop. Seja na economia chinesa e na racionalidade japonesa, é a Coreia do Sul que parece dominar a cartilha cultural da Cultura Pop e se infiltra no cotidiano digital de sujeitos de todo mundo com a música Kpop, os seriados *doramas* e a cultura dos *idols*. A proposta da Cultura Pop ser uma plataforma do Estado sul coreano (que financia estudos e pesquisas nesta área, bem como tem políticas econômicas para a cultura) nos faz enxergar um protagonismo da cultura pop coreana e da economia chinesa no que está se chamando de um “Mundo Pós-Occidental”. ■

<sup>3</sup> **Madonna Louise Veronica Ciccone** (1958): é uma cantora, compositora, dançarina, atriz, empresária e produtora musical norte-americana. Madonna já vendeu mais de 300 milhões de discos no mundo inteiro e é reconhecida como a Artista musical feminina mais bem-sucedida de todos os tempos pelo Guinness World Records. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> **Ronald Reagan** (1911-2004): Ator norte-americano formado em economia e sociologia. Foi eleito governador da Califórnia em 1966, e se reelegeu em 1970 com uma margem de um milhão de votos. Conquistou a indicação à presidência pelo Partido Republicano em 1980, e os eleitores, incomodados com a inflação e com os americanos mantidos há um ano como reféns no Irã, o conduziram à Casa Branca. Antes de ocupar a presidência, passou 28 anos atuando como ator em 55 filmes que não entraram para a história, mas que lhe deram fama e popularidade. Sua carreira no cinema terminou em 1964, em *“The Killers”*, único filme em que atuou como vilão. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> **Donald Trump** (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da **IHU On-Line**)

# Reinscrever no mundo uma estética e uma ética Comunicação

Luis Mauro Sá Martino analisa os fenômenos culturais e comunicacionais em perspectiva com a possibilidade de pensarmos nosso estar no mundo pautado na relação com as alteridades

Ricardo Machado

**P**ensar a Cultura Pop no âmbito da pesquisa em Comunicação significa, antes de tudo, pensar os seres humanos em sua complexidade e sua capacidade de fazer circular e mediatizar afetos. “Se [a Cultura Pop] é uma prática cultural, humana, merece ser objeto de reflexão. A meu ver, não existem objetos de pesquisa ‘nobres’ ou ‘fúteis’, existem abordagens mais ou menos profundas ou superficiais de qualquer objeto”, pondera o professor e pesquisador **Luis Mauro Sá Martino**, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Nesse sentido, pensar as epistemologias da Comunicação em uma perspectiva mais aberta, implica “um gesto em direção à alteridade, esforço no sentido de encontrar algo parecido – não idêntico – que permite construir vínculos, interações, percepções comuns. É um esforço no sentido de chegar ao outro, esse ‘semelhante dessemelhante’, como define o poeta mexicano Octávio Paz. Nessa articulação entre o comum e o diferente, acredito, há um dos espaços possíveis para a Comunicação”, pontua o entrevistado.

A alta permeabilidade da Comunicação nas mais diversas esferas da vida huma-

na e social permite com que seus objetos e as teorias ofereçam discussões éticas e estéticas profundas. “A comunicação ligada à estética como parte da construção da relação com o outro, seja mediada ou não pelo meio técnico. Isso demanda abertura, tempo, interesse – no sentido do ‘inter-esse’ o que está ‘entre os seres’, na diferença”, sustenta Martino. “Tendo a pensar a comunicação como uma ética da alteridade, trabalhando a partir, entre outros, de Emmanuel Lévinas e Edith Stein”, complementa.

**Luis Mauro Sá Martino** é doutor em ciências sociais pela PUC-SP. Foi pesquisador-bolsista na School of Political, Social and International Studies na University of East Anglia, Inglaterra. É professor no mestrado, na graduação e na pós-graduação lato sensu na Cáspier Líbero. Também leciona no curso de música da Faculdade Cantareira.

Coautor de *O habitus na Comunicação* (Paulus, 2003) e autor de *Mídia e Poder Simbólico* (Paulus, 2003), *Comunicação: troca cultural* (Paulus, 2005), *Estética da Comunicação* (Vozes, 2007), *Teoria da Comunicação: ideias e conceitos* (Vozes, 2009) e *Comunicação e Identidade* (Paulus, 2010).

**Confira a entrevista.**

## **IHU On-Line – Como a Cultura Pop mergulha no mundo da epistemologia da Comunicação?**

**Luis Mauro Sá Martino** – Essa articulação pode acontecer de várias maneiras. Uma delas é trazendo novos objetos de pesquisa para a Área de Comunicação, relacionados ao

entretenimento e à cultura pop. Isso pode incluir referências bem amplas, desde séries de tv, filmes *blockbusters*, super-heróis, memes de internet, sagas como *Harry Potter*, *Star Wars* e *O Senhor dos Aneis*, música pop, passando pelos estudos sobre fãs e assim por diante. Esse universo,

no qual muitas e muitos de nós estão inseridos desde que nascemos, participando de maneira mais ou menos ativa, traz vários desafios epistemológicos para a Comunicação – como estudar esses novos objetos? A partir de quais teorias? Como eles nos desafiam a pensar a comunicação e, em

## “Se é uma prática cultural, humana, merece ser objeto de reflexão”

particular, as interações que estabelecemos uns com os outros?

**IHU On-Line – Qual a importância política e de produção do conhecimento realizar aproximações entre a teoria e os objetos culturais da vida cotidiana?**

**Luis Mauro Sá Martino** – Do ponto de vista acadêmico, penso que é muito importante realizar esse tipo de aproximação. Se é uma prática cultural, humana, merece ser objeto de reflexão. A meu ver, não existem objetos de pesquisa “nobres” ou “fúteis”, existem abordagens mais ou menos profundas ou superficiais de qualquer objeto. E há espaço, na academia, para vários tipos de saber. Eles podem caminhar paralelos, entrar em diálogos, iluminar uns aos outros – e também mostrar as potências e os limites de cada um.

Mas há, a meu ver, outro ponto.

O conhecimento e sua busca podem ser entendidos como um modo de vida. Não no sentido, às vezes um pouco imediato, de “aplicar” esta ou aquela ideia, mas, antes, de “viver” o conhecimento. Assim como temos nosso filme preferido, podemos ter nossas teorias, conceitos e métodos favoritos – ser “fã” desta autora ou autor. Isso pode ajudar a ler melhor o cotidiano. E também, nas muitas dimensões da vida humana, saber que há o momento de assistir como fã e outro como pesquisadora ou pesquisador – uma atividade não desmerece ou anula a outra. Se posso dizer isso em tom mais leve, quero que os *jedi* restaurem a justiça na Galáxia

quando assisto *Star Wars*, mas em outro momento quero analisar os significados políticos da trama.

**IHU On-Line – Nos termos que o senhor tem pensado as epistemologias da Comunicação, como compreende o conceito de Comum?**

**Luis Mauro Sá Martino** – Quantos anos eu tenho para responder essa pergunta, rsrs? Há várias acepções da palavra, e não sei se é o momento – ou o caso – de retomá-las aqui. Uma dessas dimensões é a ideia de um gesto em direção à alteridade, esforço no sentido de encontrar algo parecido – não idêntico – que permite construir vínculos, interações, percepções comuns. É um esforço no sentido de chegar ao outro, esse “semelhante dessemelhante”, como define o poeta mexicano Octávio Paz<sup>1</sup>. Nessa articulação entre o comum e o diferente, acredito, há um dos espaços possíveis para a Comunicação.

Há também uma dimensão política na palavra – e aqui retomo a argumentação de várias autoras e autores, sem pretensão de ser original. A palavra “comum”, do latim “communis”, pode ser pensada em pelo menos duas vertentes. De um lado, relacionada ao grego antigo “koinos”, que definia o espaço público, da conversa, em oposição ao “oikos”, o es-

paço particular. Mas também, como lembra Roberto Esposito<sup>2</sup>, liga-se a “com-munus”. “Munus” é uma palavra de difícil tradução direta, mas implica a relação de troca e confiança que se estabelece entre pessoas. Penso que o “comum” pode ser pensado em todas essas dimensões.

Em todos esses casos, um possível ponto de contato me parece ser justamente esse movimento na direção do outro, um ponto de partida para a interação.

**IHU On-Line – Que tipo de experiência estética tende a ser produzida pela Cultura Pop?**

**Luis Mauro Sá Martino** – Tendo a ver a experiência estética como algo – paradoxalmente, dada a etimologia da palavra – produtivo, relacionada mais à interação da pessoa *com* o objeto do que *no* objeto, de maneira exclusiva. Certamente há especificidades na estética da cultura pop, mas penso que isso só poderia ser respondido examinando as condições de recepção, leitura e reelaboração da cultura pop. Até porque, vale lembrar que essas definições – “cultura pop”, “entretenimento”, “cultura clássica” – são relativas, e valem até certo ponto: algo “popular” no século XIX talvez hoje seja incluído entre a cultura “clássica”. Podemos pontuar isso também.

<sup>1</sup> **Octavio Paz Lozano** (1914- 1998): foi um poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano, notabilizado, principalmente, por seu trabalho prático e teórico no campo da poesia moderna ou de vanguarda. Recebeu o Nobel de Literatura de 1990. Escritor prolífico cuja obra abarcou vários gêneros, é considerado um dos maiores escritores do século XX e um dos grandes poetas hispânicos de todos os tempos. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Roberto Esposito**: filósofo italiano, especialista em filosofia moral e política. De sua vasta produção bibliográfica, citamos *Pensiero vivente. Origine e attualità della filosofia italiana* (2010), *Bios. Biopolitica e filosofia* (2008), *L'origine della politica. Hannah Arendt o Simone Weil?* (1996). (Nota da **IHU On-Line**)

**IHU On-Line – Nesse sentido, como o delineamento das experiências estéticas podem contribuir para a construção de uma epistemologia da Comunicação?**

**Luis Mauro Sá Martino** – Outra pergunta para alguns anos de conversa, rsrs. Penso que isso está ligado ao entendimento que temos de “comunicação”. O que chamamos de “comunicação”? Essa pergunta, talvez sem resposta única, é uma das possibilidades abertas em nossa área. É possível, por exemplo, entender a comunicação como uma experiência estética, pautada na *aesthesis*, na sensibilidade em relação ao outro. Particularmente, entendo que essa sensibilidade é um dos elementos importantes para a comunicação – mas não o único. Nesse ponto, tendo a pensar a comunicação ligada à estética como parte da construção da relação com o outro, seja mediada ou não pelo meio técnico. Isso demanda abertura, tempo, interesse – no sentido do “*inter-esse*” o que está “entre os seres”, na diferença. Mas não vejo uma maneira única disso acontecer: a pluralidade contraditória me parece ser uma das marcas do humano.

**IHU On-Line – De que forma o encontro com o Outro passa a operar como vetor fundamental para pensar a Comunicação em seu sentido epistemológico, desta vez sem recorrer aos meios de comunicação como vetores de análise?**

**Luis Mauro Sá Martino** – Nesse ponto, retomando, tendo a concordar com colegas para quem a comunicação se delinea como um fenômeno estético, cognitivo e afetivo, que pode se dar em vários tipos de meio – inclusive os técnicos. Do outro lado da tela existe um ser humano, e mesmo as disposições técnico-algorítmicas de alguma maneira se apresentam como meios, não fins em si. Tomo cuidado para não considerar o meio como centro, do processo de

comunicação, no que chamam de “mediacentrismo”.

Quando às vezes ouço perguntas como “as redes sociais fazem isto?” ou “os meios fazem aquilo?” procuro lembrar que redes e meios não fazem – seres humanos fazem.

Isso não significa diminuir a importância e o poder de agenciamento de atores não-humanos. A questão é recordar que eles estão inseridos em uma história e uma sociedade com a qual interagem, sem relação de precedência, muito menos de causa e efeito, entre qualquer um dos termos. Procuro pensar nisso como um cuidado epistemológico para pensar a comunicação.

“A meu ver, não existem objetos de pesquisa ‘nobres’ ou ‘fúteis’, existem abordagens mais ou menos profundas ou superficiais de qualquer objeto”

**IHU On-Line – Como converter a alteridade em vetor de constituição de um conceito de comunicacional?**

**Luis Mauro Sá Martino** – Acrescente mais uns anos na conversa por favor, rsrs. Se posso arriscar a auto-referência a um texto (situação amenizada pelo fato de ter sido escrito em parceria com a professora Angela C. S. Marques, da UFMG), tendo a pensar a comunicação como uma ética da alteridade, trabalhando a partir, entre outros, de Emmanuel

Lévinas<sup>3</sup> e Edith Stein<sup>4</sup>. Comunicamos *com* alguém, ou, jogando com as palavras, comunicamos *junto-com* alguém, algum ser que percebe isso – podemos incluir os animais? – e se apresenta como um segundo em relação a nós. O encontro com o outro também tem a potência de nos deslocar em relação a nós mesmos – e temos, aí, um delineamento da relação de comunicação.

**IHU On-Line – De que forma as questões do campo religioso e da Cultura Pop convergem? Em quais pontos divergem?**

**Luis Mauro Sá Martino** – Acho importante destacar que são campos diferentes, com lógicas próprias, modos de ser e de agir próprios. Cada um deles com seus objetivos, que convergem em alguns momentos e em condições específicas. Essa interação parece agir principalmente – mas não só – de duas maneiras.

De um lado, com a presença de temas religiosos nas produções da cultura pop. As primeiras representações religiosas, na mídia tecnológica, nascem praticamente junto com o cinema, mais de um século atrás, e se mantém com certa regularidade. Isso poderia também se aplicar a livros, músicas, filmes e séries de TV que encontram nas religiões e religiosidades – note que o espectro de “religião”, aqui, é bem amplo – material para suas produções.

De outro, essa convergência acontece quando denominações e insti-

<sup>3</sup> Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo e comentarista talmúdico lituano, de ascendência judaica e naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, confira a entrevista com Rafael Haddock-Lobo, publicada em 30-08-2007 no site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, intitulada *Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida*, disponível em <http://bit.ly/1bZ77kk>, e a edição número 277 da *IHU On-Line*, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível em <http://bit.ly/1gsnUOI>. (Nota da *IHU On-Line*).

<sup>4</sup> Edith Stein [Edith Theresa Hedwing Stein] (1891-1942): religiosa alemã, a última de onze irmãs de uma família judia que professava o Judaísmo. Faleceu, aos 51 anos, asfixiada, numa câmara de gás, no campo de concentração de Auschwitz, na Polónia. Foi professora de Filosofia, discípula de Edmund Husserl. Para conhecer mais sobre seu pensamento, consulte a edição 168 da Revista *IHU On-Line*, de 12-12-2005, sob o título Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX. (Nota da *IHU On-Line*)

tuições religiosas se articulam com as linguagens e os produtos da mídia para divulgar sua mensagem. Por exemplo, quando programas religiosos de TV ou canais religiosos no Youtube se valem da linguagem e códigos desses meios para veicular a mensagem institucional. Em uma de suas partes mais visíveis, encontramos produtos midiáticos – filmes, músicas, telenovelas – produzidas por instituições religiosas no sentido de levar sua mensagem em uma linguagem já familiar ao público.

Essa relação, no entanto, tem alguns limites. Por exemplo, e isso é um desafio para as denominações religiosas, até que ponto é possível articular uma mensagem religiosa com linguagens laicas da mídia. Ao transformar um tema religioso em uma série de TV, por exemplo, pensar em como manter a fidelidade ao texto ao mesmo tempo em que é ne-

cessário fazer adaptações para a tele-dramaturgia.

A relação é próxima, mas não linear.

### **IHU On-Line – Não haveria contradições em pensar aspectos do campo religioso atravessados pela Cultura Pop?**

**Luis Mauro Sá Martino** – Ao menos na história do ocidente, as religiões e denominações religiosas sempre fizeram uso das linguagens disponíveis – ou, em termos mais teóricos, elas sempre se adaptaram ao ambiente midiático de sua época, de maneiras diferentes.

Em outro momento, procurei trabalhar uma metodologia para entender esse fenômeno em termos do que chamei de “alta mediação” e “baixa mediação”. Algumas religiões e denominações parecem ter, na ligação

com o ambiente da mídia, uma de suas características fundamentais – o que denomino “alta mediação” – enquanto, para outras, a presença nesse ambiente é mínima – denominações de “baixa mediação”. Essa construção metodológica auxilia a pensar os termos dessa relação.

A articulação entre o ambiente midiático e práticas sociais – no caso, a religião – pode ser definido como um processo de midiatização. A midiatização da religião, em suas várias e diversas formas, pode ser entendida como uma articulação entre a mensagem institucional e um ambiente midiático em plena transformação. Essa articulação não é desprovida de tensões e conflitos, mas é também uma possibilidade de aumentar a visibilidade pública das denominações religiosas em uma linguagem com a qual somos todas e todos familiares. ■



6º Ciclo de Estudos

# Revolução 4.0

Impactos nos modos de produzir e viver

23 de março a  
03 de junho de  
2020

Mais informações em breve: [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)

 JESUÍTAS BRASIL

 INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

 UNISINOS  
DESAFIO AMANHÃ.

# Ver para além do conhecido. Os desafios da pesquisa da Cultura Pop

Adriana Amaral discute a potência teórica e epistemológica dos estudos em Cultura Pop para a Comunicação

Ricardo Machado

No campo da pesquisa em Comunicação, as investigações em torno da Cultura Pop têm movimentado profundas discussões em torno questões de fundo da contemporaneidade, tais como desigualdades sociais, de gênero e identitárias. “A cultura pop sobretudo a partir de suas relações com os ambientes e plataformas digitais é central para pensarmos o campo da comunicação. Embates como fãs e haters, resistências, questões de gênero, juventude, cultura material, interseccionalidade, políticas identitárias, relações sociais, relações de trabalho, práticas decoloniais, enfim uma série de questões contemporâneas e que aparecem no âmago dos estudos de mídias e comunicacionais podem ser pensados e visualizados de forma bastante enfática a partir das lógicas e da circulação da cultura pop”, descreve a professora e pesquisadora **Adriana Amaral**, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Contra o hermetismo de uma retórica acadêmica barroca, que se presta muito mais a esconder suas produções que fazê-las circular, os objetos de pesquisa na Cultura Pop trazem para o campo científico produtos que habitam o universo cotidiano de muitas pessoas. “Há também uma questão do uso da linguagem como instrumento de poder, quanto mais eu falo/escrevo de uma forma inacessível muitas vezes esse é um capital social acadêmico, do uso dos jargões ou de tratar de um objeto pouco conhecido como analisar um filme alternativo em oposição a um filme da Marvel”, pontua Adriana. “De qualquer forma, por outro lado, o exercício de se submeter a justificativas e críticas é mais do que saudável e funciona como um combustível para qualificar a pesquisa em cultura pop teórica e metodologicamente”, complementa.

No entanto, a pesquisa sobre Cultura Pop enfrenta certas dificuldades em superar o nível descritivo de seus objetos, sobretudo pela ilusão de pensar que está tratando de algo que está totalmente dado. “Essa dificuldade se dá porque apesar da cultura pop trazer um repertório de signos e um imaginário de um domínio aparentemente conhecido, na pesquisa é preciso explicar e delinear essas referências. Para mim isso só se dá a partir de um avanço epistemológico de construção de conhecimento e de experimentações metodológicas. Nesse ponto acredito que os estudos de comunicação e cultura pop ainda precisem avançar”, afirma.

**Adriana Amaral** é graduada em jornalismo, com mestrado e doutorado pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, com estágio de doutorado em Sociologia da Comunicação pelo Boston College, EUA. Além disso, realizou pós-doutorado em Mídia, Cultura e Comunicação pela University of Surrey, no Reino Unido. É professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos e pesquisadora do CNPq com Bolsa de Produtividade (PQ).

Entre suas publicações, destacamos *Cultura pop digital brasileira: em busca de rastros político-identitários em redes* (Revista EcoPós, V.19, n.3, 2016) e “*De Westeros no #vemprarua à shippagem do beijo gay na TV brasileira*”. *Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital* (Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. N. 29, 2015).

**Confira a entrevista.**

# “Pensar criticamente a cultura pop para além dos binarismos de cooptação versus criatividade amplifica os debates para o entendimento dos produtos e dos sujeitos da cultura pop”

## **IHU On-Line – De que forma a Cultura Pop expressa dimensões estéticas e éticas do nosso tempo?**

**Adriana Amaral** – Acredito que a cultura pop por sua efemeridade e ao mesmo tempo longevidade é capaz de abarcar uma série de questionamentos e dimensões que borram os limites entre estéticas e éticas a partir de diversas culturas e sociedades. Me interessam os fenômenos de alta visibilidade e sua relação com nichos sejam de mercados, sejam subculturas, sejam no âmbito das interações e sociabilidades. Pensar criticamente a cultura pop para além dos binarismos de cooptação *versus* criatividade amplifica os debates para o entendimento dos produtos e dos sujeitos da cultura pop.

## **IHU On-Line – Qual a importância dos estudos de Cultura Pop para o campo da Comunicação, em particular, e para a ciência em sentido mais amplo?**

**Adriana Amaral** – A cultura pop sobretudo a partir de suas relações com os ambientes e plataformas digitais é central para pensarmos o campo da comunicação. Embates como fãs e haters, resistências, questões de gênero, juventude, cultura material, interseccionalidade, políticas identitárias, relações sociais, relações de trabalho, práticas decoloniais, enfim uma série de questões contemporâneas e que aparecem no âmbito dos estudos de mídias e comunicacionais podem ser pensados e visualizados de forma bastante enfática a partir das lógicas e da cir-

culação da cultura pop. Essas lógicas não só pautam o debate como estão imbricadas em cenários mais amplos como aqueles relacionados ao jornalismo e às teorias clássicas da comunicação, entre outros.

A Comunicação é um campo de desvios, impurezas e estranhamentos e a cultura pop assume e traz ao debate todas essas contradições entre paixões, afetividades e subjetividades e a viralização de suas práticas que são culturais, materiais e comunicacionais desde sua origem mercadológica e amadora ao mesmo tempo. Em termos de ciência de forma mais ampla, acredito que as linguagens e as lógicas da cultura pop possam nos ajudar tanto a compreender a ciências a partir de conteúdos científicos por ela veiculados como na divulgação e popularização da ciência a partir do uso e da cooptação dessas gramáticas do pop para uma ampliação da forma como comunicamos as pesquisas que realizamos na universidade. Essa tem sido a minha bandeira nos últimos anos.

## **IHU On-Line – Qual o cenário das pesquisas voltadas à Cultura Pop no Brasil e no mundo?**

**Adriana Amaral** – O cenário em termos de objetos de pesquisa e de temáticas é muito fértil. Quem há alguns anos imaginaria que uma HQ dos Vingadores com um beijo entre dois heróis fosse ser capa de um jornal como a Folha de São Paulo? – fato acontecido durante a Bienal do Livro do Rio de Janeiro por conta dos atos de censura à HQ do governador Crivella. A cultura pop

tem estado e é parte do epicentro de um debate que é amplo, apenas para dar um exemplo nacional. A pesquisa nessa área tem crescido bastante no Brasil, até mesmo em áreas mais tradicionais que a comunicação como as Letras, História, Educação entre outras.

Lá fora, a questão tem sido objeto de pesquisa há um bom tempo. Os eventos acadêmicos temáticos têm crescido como por exemplo simpósios específicos para tratar de uma questão pontual como “Beyoncé e feminismo” ou “A repercussão da obra de Prince”, organizado por pesquisadoras como Kirsty Fairclough<sup>1</sup>, do Reino Unido entre outras. Observo também que quem produz essas pesquisas mais críticas de alguma forma faz parte de alguma minoria como mulheres, imigrantes e membros da comunidade LGBTQI, por exemplo, apesar dos autores mais citados ainda serem homens nerds. De qualquer forma, observo de forma positiva inclusive o impacto dos estudos brasileiros no exterior.

## **IHU On-Line – Há preconceito em torno de pesquisas voltadas à Cultura Pop?**

**Adriana Amaral** – A Academia é um lugar de poder, saber e também de exclusões e os campos estão sempre em conflito. Isso é chover no molhado. No entanto, a pesquisa em cultura pop sofre de um duplo pre-

<sup>1</sup> **Kirsty Fairclough**: Pesquisadora e conferencista em Mídia e Performance na School of Arts and Media da University of Salford, no Reino Unido, dedica-se a temas ligados a Media Studies, Film Studies and Performance Studies, focando seus estudos em debates sobre celebridades. (Nota da **IHU On-Line**)

conceito: por parte de um discurso da sociedade, muitas vezes refletido na mídia de que tais assuntos são irrelevantes e menores por serem demasiadamente cotidianos ou porque seus atores sociais sentem que entendem melhor do tema do que os pesquisadores. Por outro lado, dentro da própria Academia e mesmo nas humanidades que são supostamente mais abertas há temas que tendem a ganhar dimensões e status “maiores do que outros”. Há também uma questão do uso da linguagem como instrumento de poder, quanto mais eu falo/escrevo de uma forma inacessível muitas vezes esse é um capital social acadêmico, do uso dos jargões ou de tratar de um objeto pouco conhecido como analisar um filme alternativo em oposição a um filme da Marvel. Também existe a questão dos fandoms de autores, porque em certa medida a Academia também opera numa lógica de defesa ferrenha de algumas de suas teorias e teóricos. De qualquer forma, por outro lado, o exercício de se submeter a justificativas e críticas é mais do que saudável e funciona como um combustível para qualificar a pesquisa em cultura pop teórica e metodologicamente.

#### **IHU On-Line – Como se caracterizam estas investigações?**

**Adriana Amaral** – Como eu falei antes, vejo que elas se caracterizam por um lado pelo encantamento com os objetos principalmente entre os pesquisadores mais jovens, na Iniciação Científica ou TCC e mestrado e por outro, avanços em termos de relações com outros campos de saberes no doutorado. Por exemplo para pensarmos noções como ativismo de fãs é preciso articular conhecimentos transdisciplinares, pensar conceitualmente sobre questões de participação política específicas e ao mesmo tempo investigar os códigos e signos da cultura de fãs, campos que tradicionalmente não se cruzariam em uma análise política mais dura ou culturalista. Creio também que a principal dificuldade é sair do nível descritivo e aprofundar a análise

do material empírico. Essa dificuldade se dá porque apesar da cultura pop trazer um repertório de signos e um imaginário de um domínio aparentemente conhecido, na pesquisa é preciso explicar e delinear essas referências. Para mim isso só se dá a partir de um avanço epistemológico de construção de conhecimento e de experimentações metodológicas. Nesse ponto acredito que os estudos de comunicação e cultura pop ainda precisem avançar. Porém tenho visto jovens pesquisadores bastante empenhados em ampliar diálogos, em publicações de impacto etc.

“O exercício de se submeter a justificativas e críticas é mais do que saudável e funciona como um combustível para qualificar a pesquisa em cultura pop teórica e metodologicamente”

#### **IHU On-Line – Em um contexto de cortes de recursos de pesquisa, há um cenário de maior pressão em torno das pesquisas voltadas à Cultura Pop em relação a pesquisas de viés mais “utilitarista”?**

**Adriana Amaral** – Acredito que sim, isso perpassa todas as humanidades e é uma discussão global. Muitos estudos de cultura pop podem também ter relações com questões merca-

dológicas de compreensão e propostas de entendimento desses mercados. Por outro lado, a dimensão crítica e de avanços em relação a uma sociedade mais plural não deve ser perdido. Tenho observado uma virada cada vez mais política – no sentido mais amplo – nesses estudos, bastante como uma reação a esse tipo de cobrança. Por outro lado, percebemos que quando temos pesquisadores envolvidos em projetos de mercado há um diferencial e uma preocupação maior com os sujeitos e com questões como representatividade de gênero, raça e outras questões sociais. Tenho alunos de mestrado e doutorado que prestam consultoria e essa tônica é central.

#### **IHU On-Line – De que forma tem sido construídas proposições metodológicas de pesquisa científica a partir dos estudos de Cultura Pop?**

**Adriana Amaral** – A pesquisa em Cultura Pop é um campo plural no qual há espaço para diversas proposições teórico-metodológicas. Embora haja uma certa predominância de vertentes dos Estudos Culturais, o campo, os temas e os objetos podem ser pensados por uma variação de abordagens que vão desde a etnografia à análise de conteúdo, discursos etc e também formulações multimétodos em combinações entre coletas on-line e off-line por exemplo.

Acredito que a experimentação e a mescla é o que pode funcionar de forma mais adequada dadas as características desses temas. No momento, minha pesquisa atual é pensar epistemologicamente como os estudos brasileiros sobre o tema podem nos ajudar a refletir de uma forma que avance em relação aos estudos anglo-saxões, europeus etc. Acredito que temos chaves de entendimentos de produtos transculturais – uma série produzida em outro país por exemplo e de que forma ela é ressignificada num país fora do eixo como o Brasil - que são complexas.

#### **IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Adriana Amaral** – Indicaria o podcast Divã Pop, do Grupo de Pesquisa Cultura Pop, Comunicação e Tecnologias - Cultpop no qual discutimos as pesquisas realizadas aqui na Unisinos e em outros programas de pós-graduação em comunicação. O programa pode ser acessado em <http://bit.ly/podcastculturapop>. ■

## Leia mais

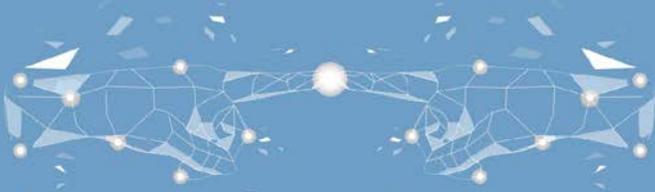
- **Indissociabilidade entre os mundos on e off-line.** Entrevista especial com Adriana Amaral, publicada na revista **IHU On-Line**, nº 502, de 10-4-2017, disponível em <http://bit.ly/2CEzgZ1>;

- Perfil de Adriana Amaral, publicado na seção IHU Repórter, da revista **IHU On-Line** nº 359, de 2-5-2011, disponível em <http://bit.ly/2nfcFzz>.

- **A superficialidade e as relações sociais na web.** Entrevista especial com Adriana Amaral, publicada nas Notícias do Dia de 5-2-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2ndI7gQ>.

- **Twitter: a nova via da revolução?** Entrevista especial com Sandra Montardo, Pollyana Ferrari, Adriana Amaral e Matheus Lock dos Santos, publicada nas Notícias do Dia de 29-3-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2nfcq7q>.





# Revolução 4.0

Impactos nos modos de produzir e viver

5º Ciclo de Estudos

## Tecnologias 4.0: Possibilidades e limites em saúde



Prof. Dra. Maria Gabriela Guimarães  
USP

Assista as palestras em nosso canal do YouTube



[youtube.com/ihucomunica](https://youtube.com/ihucomunica)




# Cultura Pop, a construção de uma rede de sentimentos

Simone Pereira de Sá discute a circulação das expressões afetivas nos ambientes digitais e fala sobre a importância de desnaturalizar valores canônicos de apreciação estética

Ricardo Machado

**S**e antigamente a dimensão dos afetos estava restrita a relações pessoais, com a digitalização das relações sociais e dos produtos culturais o mundo mediado tecnologicamente oferece outros regimes de circulação dos afetos. “O ambiente das redes sociais parece incentivar e ampliar a visibilidade das expressões afetivas, a partir de um conjunto de ferramentas: botões de ‘likes’, ênfase na rede de amigos virtuais, playlists musicais ligadas ao gosto. Além disso, o ídolo muitas vezes está a um ‘clique’, bastando uma mensagem do fã para receber uma resposta”, destaca a professora e pesquisadora **Simone Pereira de Sá**, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

É nessa rede de relações, permeadas por conexões humanas e algorítmicas, que a Cultura Pop emerge como “locus para a construção das identidades transnacionais e muitas vezes transversais”, pontua. “A cultura pop pode ser pensada como uma ‘estrutura de sentimentos’ que permeia as identidades na modernidade, permitindo que se construam redes cosmopolitas de afetos que não dependem da comunidade local”, complementa Simone.

Neste contexto, o trânsito entre objetos culturais é muito mais fluído desorganizando o esquema clássico de classificação entre o que é cultura hegemônica e periférica. “Me parece que o desafio mais importante é desconstruir este ‘cânone’ e desnaturalizar os valores supostamente universais da apreciação estética. A partir daí, é possível construir uma agenda para identificar um conjunto de inovações sonoras, performáticas e de criatividade popular veiculadas pelas músicas periféricas”, sustenta.

**Simone Pereira de Sá** possui graduação em Ciências Sociais e doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. É professora titular da Universidade Federal Fluminense - UFF, no curso de Estudos de Mídia e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, onde coordena o Laboratório de Pesquisa em Culturas Urbanas e Tecnologias da Comunicação - LabCult. Foi professora visitante no Departamento de Música do King’s College, London, no Reino Unido, e na McGill University, Montreal (2008), Canadá, com bolsa de pós-doutorado da CAPES.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Quem é o fã e como se dá seu ativismo em ambiente digital? Como os haters aparecem nesse cenário?**

**Simone Pereira de Sá** – Fã é o consumidor dedicado a um artista ou produto cultural, que se distingue de outros consumidores a partir da intensidade com que utiliza seu tempo, dinheiro, conhecimento e trabalho

voluntário em prol de seus ídolos e produtos. A partir do advento das redes sociais, os fãs ganham ferramentas que possibilitam formas inéditas de encontros com outros fãs nas comunidades virtuais através de redes de fandoms; e também formas de expressar seu afeto a partir de produtos tais como fanfictions, fanfilmes, fanzines e outros tipos de produção.

O ativismo de fãs se refere ao conjunto de manifestações e articulações dos fãs nas redes sociais, seja em relação ao próprio artista – defesa de uma ofensa que ele sofreu por parte de outro artista ou de um crítico –; seja em relação a causas sociais que este artista defende.

Por outro lado, os afetos negativos também ganham visibilidade;

## “A cultura pop é o lócus para a construção das identidades transnacionais e muitas vezes transversais”

e a mesma comunidade que atrai os aficionados por um produto, também atrai os indivíduos que o odeiam e que se juntam para falar mal, deslegitimar e criticar o artista e sua obra, denominados de *haters*.

**IHU On-Line – Em que medida, nesse nosso tempo de revolução tecnológica e aprofundamento do mundo digital, os afetos tendem a ser reduzidos à polarização entre fãs e haters?**

**Simone Pereira de Sá** – O ambiente das redes sociais parece incentivar e ampliar a visibilidade das expressões afetivas, a partir de um conjunto de ferramentas: botões de “likes”, ênfase na rede de amigos virtuais, playlists musicais ligadas ao gosto, tais como, por exemplo, listas de músicas “para namorar”, “para quando estou triste”, etc. Além disso, o ídolo muitas vezes está a um “clique”, bastando uma mensagem do fã para receber uma resposta.

Por fim, um conjunto de expressões nativas da cultura digital, tais como memes e vídeos virais, também exploram respostas afetivas tais como o humor. Este conjunto de ferramentas incentiva o engajamento imediato – a favor ou contra – e desta maneira, exacerba as polarizações entre fãs e haters. Assim, ainda que os afetos não devam ser reduzidos a esta polarização, me parece que esta faceta – ser a favor ou ser contra – é um elemento central das sociabilidades digitais.

**IHU On-Line – Como o global e o local se articulam sob**

**as lentes da Cultura Pop? Que identidades são construídas desde esses olhares?**

**Simone Pereira de Sá** – O pesquisador Motti Regev<sup>1</sup> vai usar o termo “cosmopolitismo estético” para se referir a segmentos de culturas locais que têm interesses por expressões globais. Pensada por este viés, a cultura pop é o lócus para a construção das identidades transnacionais e muitas vezes transversais. Um exemplo: um adolescente brasileiro, de uma pequena cidade nordestina, que descobre e passa a se identificar através das redes sociais um gênero tal como o k-pop, o pop coreano. Assim, a cultura pop pode ser pensada como uma “estrutura de sentimentos” que permeia as identidades na modernidade, permitindo que se construam redes cosmopolitas de afetos que não dependem da comunidade local.

**IHU On-Line – No caso da música pop-periférica do Brasil, como se dão as construções das identidades locais e globais? E ainda, como as construções de identidades se articulam em formas de resistências?**

**Simone Pereira de Sá** – Respondendo as duas questões juntas: Temos observado um intenso diálogo entre aspectos globais e locais nos gêneros musicais tais como o funk, o brega recifense e

outros – que podem ser classificados dentro da alcunha de pop-periféricos. Tomemos o caso do funk. O gênero surge a partir do Miami Bass – gênero musical de música de pista popular na cidade de Miami. Porém, muito rapidamente, vai inserir letras e sonoridades locais, ligadas ao cotidiano das favelas e periferias da cidade do Rio de Janeiro e posteriormente, de outros lugares do Brasil. Assim, em nenhum momento as identidades locais são somente “cópias” das identidades globais. Elas negociam sentidos, buscando circular em redes globais, mas inserindo elementos locais que podem ser vistos como formas de resistência.

**IHU On-Line – Quais os desafios para se apreender a música pop de periferia, para além do performático, da oposição ao “cult”, complexificando os sentidos e identidades que ela engendra?**

**Simone Pereira de Sá** – Ao discutir música, acionamos uma discussão sobre gosto, valor e hierarquias culturais, nas quais alguns gêneros são mais valorizados que outros a partir de valores que foram construídas culturalmente. Então, me parece que o desafio mais importante é desconstruir este “cânone” e desnaturalizar os valores supostamente universais da apreciação estética. A partir daí, é possível construir uma agenda para identificar um conjunto de inovações sonoras, performáticas e de criatividade popular veiculadas pelas músicas periféricas.

<sup>1</sup> **Motti Regev** (1954): é um sociólogo da arte e da cultura que se interessa por estudos musicais. Ele é professor de sociologia na Universidade Aberta de Israel, onde atualmente dirige o Programa de Mestrado em Estudos Culturais. Sua pesquisa recente é sobre música pop-rock e globalização cultural. (Nota da **IHU On-Line**)

## IHU On-Line – De que forma a cultura digital rearranja os gêneros musicais na Cultura Pop?

**Simone Pereira de Sá** – Um elemento central da cultura digital é a aproximação entre produtos culturais que vêm de origens distintas e que circulam e são apropriados por diferentes grupos e segmentos de consumo. No caso da música, temos observado que a cultura digital permite o encontro de gêneros que antes não se comunicavam. Seja em tom de deboche – tais como vídeos que juntam funk com indie rock – seja como influências mútuas, tal como playlists que juntam gêneros diversos; ou seja a partir de redes que compartilham vídeos de diferentes origens, tais como o youtube, nossa aposta é que a cultura digital contribui para a aceleração das influências mútuas e para a hibridização dos gêneros, dando origem a novos arranjos que unem funk e brega (bregafunk), funk e sertanejo (funknejo) numa rede que denominei de Rede de Música Pop Periférica Brasileira.

**IHU On-Line – Quais os riscos de toda a multiplicidade e potência dos movimentos de Cultura Pop da periferia serem cooptados pela indústria cultural?**

**Simone Pereira de Sá** – A lente da “cooptação” não me parece muito produtiva para observar estes fenômenos, uma vez que ela supõe que havia um produto autêntico que foi “apropriado” pela indústria somente para fins de mercado. Ao contrário, o que me parece mais produtivo na observação sobre a música pop-periférica é que a visibilidade do mercado mainstream é aproveitado pelos artistas para apresentarem narrativas e performances vindas da periferia para um público mais amplo. Então, pensar em como as narrativas disputam lugar na grande vitrine da indústria cultural me parece mais importante do que definir se este ou aquele produto foi cooptado pela indústria. Dito de outra maneira: os artistas podem ser “cooptados” mas também se utilizam dos mecanismos da indústria cultural para suas causas e visões de mundo, num jogo contínuo entre “cooptações” e resistências.

**IHU On-Line – O samba, o rap e o funk são gêneros musicais que saem da margem da sociedade, como som de protesto, e tomam as regiões centrais. Como compreender esses processos?**

**Simone Pereira de Sá** – Na resposta acima já abordei a questão. Me parece uma falsa questão pensar num som de protesto autêntico que vem das periferias para o centro. Um bom exemplo é o samba, que se tornou o que é – produto valorizado como expressão da identidade nacional – a partir de um conjunto de atores que vieram ao mesmo tempo da periferia e do “centro” tal como jornalistas, críticos musicais e parcelas do governo de Getúlio Vargas<sup>2</sup> nos anos 1930/1940, conforme demonstram os trabalhos de Hermano Vianna<sup>3</sup> e outros. ■

<sup>2</sup> **Getúlio Vargas [Getúlio Dornelles Vargas]** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930 a 1934 (Governo Provisório), 1934 a 1937 (Governo Constitucional), 1937 a 1945 (Regime de Exceção) e de 1951 a 1954 (Governo eleito popularmente). Recentemente a **IHU On-Line** publicou o Dossiê Vargas, por ocasião dos 60 anos da morte do ex-presidente, disponível em <http://bit.ly/1na0ZMX>. A **IHU On-Line** dedicou duas edições ao tema Vargas, a 111, de 16-08-2004, intitulada *A Era Vargas em Questão – 1954-2004*, disponível em <http://bit.ly/ihuon111>, e a 112, de 23-08-2004, chamada *Getúlio*, disponível em <http://bit.ly/ihuon112>. Na edição 114, de 06-09-2004, em <http://bit.ly/ihuon114>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-08-2004, Juremir Machado da Silva, da PUC-RS, apresentou o **IHU Ideias Getúlio, 50 anos depois**. O evento gerou a publicação do número 30 dos **Cadernos IHU Ideias**, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, disponível em <http://bit.ly/ihuid30>. Ainda a primeira edição dos **Cadernos IHU em formação**, publicada pelo IHU em 2004, era dedicada ao tema, recebendo o título *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://bit.ly/ihuem01>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Hermano Vianna** (1960): é um antropólogo, pesquisador musical e roteirista de televisão brasileiro. Autor dos livros “O Mistério do Samba” (Zahar, 1995) e “O Mundo Funk Carioca” (Zahar, 1988) é também criador dos programas *Esquental*, *Central da Periferia*, *Brasil Legal* e *Programa Legal* (TV Globo). (Nota da **IHU On-Line**)

Ciclo de Debates

**REFORMA DA PREVIDÊNCIA**

Qual a reforma necessária?

**Reforma da Previdência. Seguridade social ou assistencialismo?**

Assista as palestras em nosso canal do YouTube

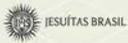
**YouTube**

[youtube.com/ihucomunica](http://youtube.com/ihucomunica)

**Prof. Dr. Mauro José Silva**  
Auditor fiscal da Receita Federal do Ministério da Fazenda em São Paulo



INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS  
Somos infinitas possibilidades



# Gotham City como umbral do Inferno

Renato Ferreira Machado

“**N**a qualidade de produção ligada ao universo super-heróico o filme dá um passo além em relação a tudo aquilo que vinha sendo feito até agora, desnudando um ícone cultural como o Coringa à camada mais profunda que ele poderia guardar em sua concepção. Mas talvez o mais perturbador seja como o filme mostra o que significa ser humano em nossos tempos. Afinal, a Divina Comédia também é sobre isso”, escreve o professor e pesquisador Renato Ferreira Machado<sup>1</sup>.

**Renato Ferreira Machado** é doutor em Teologia pelas Faculdades EST, Coordenador da Área de Educação e Cultura e líder do Grupo de Pesquisa Universos Paralelos da Universidade La Salle.

**Eis o artigo.**

27

*Por mim se vai à cidade dolente,/ por mim se vai para a eterna dor,/ por mim se vai para a perdida gente./ Moveu justiça o meu alto factor:/ formou-me a divina potestade,/ sapiência primeira, sumo amor./ Antes de mim não foi nada criado/ senão eterno, e eu eterno duro./ Deixai toda a esperança, vós que entraís.*

Dante, em *A Divina Comédia*

No terceiro canto do clássico *A Divina Comédia*, Dante e seu guia, Virgílio, chegam ao umbral do Inferno, em sua peregrinação rumo ao Paraíso. Deparam-se com um portal aberto, sem portas ou trancas, sobre o qual se lê a epígrafe deste texto. Segue-se a explicação de Virgílio, segundo o qual o Inferno seria o lugar onde se finda o livre-arbítrio e de onde aqueles que para lá foram enviados nunca mais sairão. Por isso, não há lugar para esperança no Inferno: a salvação e a redenção foram perdidas pelas almas a ele condenadas. Historicamente há uma série de complexos debates teológicos que se debruçam sobre esse assunto, com substanciais diferenças conceituais entre as diversas denominações cristãs. Todas, porém, discutem o mesmo ponto: há salvação para nossa existência? Na mais nova encarnação do Coringa no cinema a questão também parece ser essa. Haveria salvação para Arthur Fleck ou ele estaria condenado ao desespero eterno? E se for assim, o que leva Arthur à condenação, uma vez que ele parece não ter quase nenhum comando sobre sua própria vida? Seria a Gotham City de Todd Phillips o próprio umbral do Inferno?

Muitas têm sido as análises a respeito de Coringa, com diferentes pontos de vista e abordagens. O filme realmente se presta a isso. Se como qualquer obra de arte ele já se apresenta aberto a diferentes olhares, na qualidade de uma produção vinda do universo super-heróico que não com-

<sup>1</sup> O texto também foi publicado no site Quadrinhos, disponível em <http://bit.ly/2NtsxxN>. (Nota do entrevistado)

pactua com as estéticas e narrativas geralmente adotadas em filmes desse tipo, a produção parece ser ainda mais provocativa. *Coringa* é um filme que adota uma estética setentista em suas composições visuais, sonoras e dramáticas, o que já se revela nos próprios letreiros de apresentação do longa. Apesar de ainda utilizar a fórmula da Jornada do Herói, ainda que lida às avessas, o longa-metragem se lança em um estudo de personagem do qual emerge um suspense psicológico, evocando explicitamente filmes como *Taxi Driver* (1976) e *O Rei da Comédia* (1982). Por isso, ao comentarmos este filme, desejamos manter o foco em um ponto específico que parece nortear a trama: a violência como experiência existencial de seus personagens e suas consequências.

Por isso, voltemos à obra de Dante. No sétimo círculo do inferno, dedicado aos que se perderam por causa da violência, existem três vales onde esta é classificada em diferentes tipos: contra o próximo, contra si e contra Deus. Estes vales levam a cachoeiras de sangue, caminho para o próximo círculo. Se a obra de Alighieri era uma grande metáfora sobre a Florença e a própria Europa Século XIV, o filme protagonizado por Joaquin Phoenix parece narrar simbolicamente os tempos em que vivemos a partir de uma dinâmica narrativa muito similar à Divina Comédia. A comédia do *Coringa*, porém, não parece levar seus peregrinos rumo ao Paraíso. Pelo contrário, sua jornada é aquela em que qualquer tipo de esperança é deixada para trás.

Encontramos Arthur Fleck habitando o Purgatório da indiferença. Em meio à cacofonia de Gotham ele não é visto, ouvido ou percebido, mesmo que esteja vestido de palhaço e dançando no meio da rua. Quando é roubado e agredido fisicamente acaba sendo responsabilizado pelo material de trabalho que perdeu. Arthur só é percebido quando não deseja: acometido por um problema neurológico, solta risadas contínuas sempre que passa por uma situação de stress. E assim acompanhamos sua rotina de idas e vindas entre o trabalho e o apartamento onde vive com sua mãe. Arthur sobe diariamente uma enorme escadaria para acessar seu prédio, como um Sísifo que empurra uma pedra morro acima apenas para vê-la rolar para baixo ao chegar no topo. Essa subida de degraus parece representar a esperança de redenção e justificação para a vida de Arthur, que almeja, sim, um paraíso: ser convidado a ir ao programa de entrevistas de Murray Franklin, onde todos que parecem ser importantes ou talentosos acabam aparecendo. Arthur está investindo na carreira de *Stand Up Comedy* e o programa comandado pelo personagem de Robert De Niro representa sua consagração. Na penumbra do pequeno apartamento onde mora com sua mãe o programa é assistido em um aparelho de TV que parece iluminar toda aquela escuridão em que eles vivem. Arthur se imagina no programa, sendo elogiado e aplaudido simplesmente por dizer que cuida de sua mãe e que gosta do programa. Em sua imaginação ele é descoberto como um novo talento da comédia ao contar suas piadas para aquela plateia, via satélite. Aquele é o espaço onde ele faria outras pessoas rirem, ao invés de rir sem querer. Ele se sente próximo e íntimo do apresentador, mesmo nunca tendo chegado perto dele. Sua frágil ligação com a sanidade é mantida através de atendimentos terapêuticos proporcionados por um programa público. A mãe de Arthur, por sua vez, deposita suas esperanças em uma suposta correspondência que irá receber do milionário Thomas Wayne, que ela afirma ser pai de Arthur. Esse fio de esperança os mantém vivos e seguindo adiante.

Arthur adentra o círculo infernal da violência ao assassinar três pessoas, reagindo a uma surra que estava levando, após soltar mais uma risada involuntária. Ele passa a habitar o vale da violência contra o próximo portando uma arma e fazendo dela seu instrumento de poder frente à realidade. Ele tem consciência do erro que cometeu, mas tendo também ciência das consequências que o aguardavam, foge da cena do crime e finge não ter nada a ver com o ocorrido. O poder que aquela arma lhe confere cresce em seu interior, acenando para um reconhecimento que até agora ele não havia conquistado. Esta mesma arma, porém, é o pivô para que ele perca seu emprego como palhaço. Ele não poderia mais entreter crianças ou atrair fregueses para o comércio com suas performances de canto e dança. Aquela foi sua expulsão do Paraíso, um lugar onde ele convivia com outras pessoas e ocupava seu tempo servindo aos outros, mesmo sob duras exigências de sua chefia.

Aqui é importante dar uma palavra sobre o imaginário de Arthur. Ao longo do filme, somos iludidos pela visão de mundo do personagem, sendo conduzidos por uma narrativa na qual ele é reconhecido, amado e aceito. Assim como isso se dá em relação ao programa de auditório que ele assiste diariamente, também acontece em relação a pessoas como sua vizinha, que ele passa a imaginar como alguém apaixonada por ele. E este é exatamente o segundo vale do círculo infernal: a violência contra si mesmo. O ensimesmamento de Arthur, por mais que sua vida seja atingida por várias injustiças é profundamente tóxico para ele e para as pessoas que o cercam. E talvez seja isso, querer transformar a realidade naquilo que ele enxerga, que o torne um vilão.

Se no início da narrativa o personagem nos é apresentado como um pobre coitado, atormentado por todo tipo de problema, na medida em que a trama avança percebemos o quanto sua atitude diante destes mesmos problemas apenas torna tudo pior. Arthur quer “ser ele mesmo” e acredita ser um “talento não descoberto”, violentando a si mesmo com uma perspectiva equivocada da realidade. Ele quer ser reconhecido por um apresentador de TV e não valoriza a ajuda que seus amigos lhe oferecem. Ele deseja ser filho do homem mais rico de Gotham e não consegue enxergar a verdade sobre sua própria mãe. Ele deseja ser amado e quase força uma mulher que não tem nada a ver com aquilo que ele imagina a se tornar seu par romântico. E isso chega ao extremo da eliminação das pessoas que, segundo sua visão, o impedem de concretizar seus sonhos. Aliás, em uma dessas ações se dá o batismo de Arthur no círculo da violência: quando se prepara para finalmente ir ao programa de auditório que tanto admira, com seu rosto completamente pintado de branco, ele assassina cruelmente uma das poucas pessoas que ainda se importava com ele, ainda que por vias “tortas”.

Finalmente, no ato final do filme, Arthur adentra o mais profundo vale do círculo infernal da violência: ele assassina deus. Não o Deus judaico-cristão, mas seu deus, Murray Franklin, que o havia convidado para entrar no “reino” de seu programa de entrevistas. Murray era a referência máxima da mente perturbada de Arthur e, ao matá-lo, o próprio Arthur deixa de existir. A partir dali quem existe é o Coringa, catalisador da violência de Gotham, representante involuntário de uma multidão revoltosa que precisava apenas de permissão para ultrapassar qualquer limite civilizatório. Naquela noite de desespero, Arthur, agora o Coringa, refaz sua maquiagem pintando com sangue o eterno sorriso de seu rosto. Chegamos às cachoeiras de sangue onde termina o círculo infernal da violência. É lá que a própria família Wayne encontrará sua perdição, a não ser pelo pequeno Bruce, que testemunha a infernal realidade de sua cidade. A risada do Coringa é a trilha sonora deste cenário.

Coringa não é um filme simples e deve suscitar muitas análises daqui para frente. Sua complexidade autocontida descortina um universo de diálogos sobre a condição humana, sua aspiração por plenitude e as degradações que pode sofrer. Na qualidade de produção ligada ao universo super-heróico o filme dá um passo além em relação a tudo aquilo que vinha sendo feito até agora, desnudando um ícone cultural como o Coringa à camada mais profunda que ele poderia guardar em sua concepção. Mas talvez o mais perturbador seja como o filme mostra o que significa ser humano em nossos tempos. Afinal, a Divina Comédia também é sobre isso. ■

## Leia mais

- **O desencantamento da experiência religiosa em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”.** Artigo de Renato Machado publicado no Cadernos Teologia Pública, nº 84, de 2014, disponível em <http://bit.ly/32OuERn>;
- **Ellacuría e Companheiros: quem apertou o gatilho?** Artigo de Renato Machado publicado nas Notícias do Dia, de 17/11/2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2NLJ3te>;
- **Lágrimas na chuva. Revisitando Blade Runner.** Artigo de Renato Machado publicado nas Notícias do Dia, de 21/10/2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/32OvAoR>;
- **Perversão política: Paulo, Zizek e Watchmen.** Artigo de Renato Machado publicado nas Notícias do Dia, de 12/9/2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2CJaBJL>;
- **Downton Abbey: Família, Tradição, Propriedade e Desigualdade.** Artigo de Renato Machado publicado nas Notícias do Dia, de 27/8/2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/351nsCY>;
- **X-Men: a História é mutante.** Artigo de Renato Machado publicado nas Notícias do Dia, de 5/6/2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2CK-9nh3>;
- **Capitão América – O Soldado Invernal: o fascismo é um vírus eletrônico.** Artigo de Renato Machado publicado nas Notícias do Dia, de 21/4/2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2q4vjkv>.

# Quadrinhos e uma Filosofia vivenciada na prática

Gelson Weschenfelder vê nos quadrinhos uma forma de trabalhar conteúdos que parecem abstratos. Mas, alerta: “cultura pop não é somente cultura de massa ou popular”

João Vitor Santos

**E**xistem uma máxima de que a cultura pop pode ser a porta de entrada de muitos públicos para temas e assuntos mais densos. Para o professor Gelson Weschenfelder, acreditar nisso não passa de uma simples reprodução de lugar comum. “É pré-conceito dizer que cultura pop é facilitador de questões densas. Cultura pop, mesmo não tendo um conceito aceito universalmente, não é somente cultura de massa ou popular. Vai muito além disso”, observa, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Pesquisador da relação dos quadrinhos com os mais jovens, ele observa que não há uma simples tradução de temas densos. O que ocorre, na verdade, é que tais temas são apresentados desde outras lógicas. “Os enredos das histórias em quadrinhos de super-heróis estão cheios de dilemas éticos, morais políticos e sociais”, analisa.

Em seu trabalho, já detectou como problemáticas trazidas por Aristóteles, Kant e outros grandes filósofos nas narrativas de aventuras de Super Man, Homem Aranha e outros heróis. Mas, mais do que perceber o que há de comum entre um e outro mundos, destaca que essa leitura de quadrinhos, um produto da cultura pop, pode contribuir para o desenvolvimento e amadurecimento de muitos jovens. “Há pesquisas que apontam o quanto objetos da cultura pop são válvulas de escapes para diversos problemas sociais na qual muitas crianças e

jovens passam. Esse é o tema do pesquisador Gerard Jones”, exemplifica.

Prova disso está numa das tarefas desenvolvida com um grupo de alunos. Depois de ter trabalhado a concepção mitológica do heroísmo, Gelson provocou a turma pensar nas situações cotidianas. Rapidamente, a partir do conceito mitológicos, identificaram pessoas e ações em suas comunidades que são dignas da aplicação do conceito de heroísmo. “O heroísmo não está atrelado apenas aos super poderes, mas sim, a outras questões mais complexas e de educação nas práticas relacionais de cuidado, bons tratos, e reciprocidade com equilíbrio de poder”, observa o professor, que comemora os resultados da turma.

**Gelson Weschenfelder** é doutor em Educação pela Universidade La Salle, com a tese intitulada “Os super-heróis das histórias em quadrinhos como recursos para a promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de risco”. Também é mestre em Educação pelo Centro Universitário La Salle – Unilasalle, graduado em Filosofia pela Unisinos e especialista em Filosofia no Ensino Médio, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Entre suas publicações, destacamos o livro “Filosofando com os Super-Heróis” (Porto Alegre: Mediação, 2013) e “Aristóteles e os super-heróis” (São Paulo: Garcia Edizioni, 2014”).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – O senhor trabalha temas de áreas mais densas através da cultura pop. Gostaria que descrevesse um pouco esse trabalho, destacando os desafios de aproximar mundos como o da Filosofia com o das histórias em quadrinhos, por exemplo.**

## “Os enredos das histórias em quadrinhos de super-heróis estão cheios de dilemas éticos, morais políticos e sociais”

**Gelson Weschenfelder** – Iniciei a pesquisa a partir de uma necessidade de levar temas da Filosofia para sala de aula. A partir da frase “Com grande poder, traz grande responsabilidade”; essa que norteia a vida do super-herói Homem Aranha, percebi o quanto poderia ser um tema gerador para o ensino de Filosofia. E assim o foi, a partir dessa frase os meus alunos na época começaram a discutir sobre ética, moral, valores, responsabilidade a sociedade em si. Também foram buscar teoria de filósofos sobre o tema. Percebi o potencial pedagógico que tinha em minhas mãos, e, a partir dali, não via mais as Histórias em Quadrinhos (HQs) como mera ferramenta de entretenimento.

Assim, busquei aperfeiçoamento acadêmico, iniciei uma pesquisa no Mestrado em Educação, buscando quais os teóricos de temas da ética estavam ali presentes. Iniciei por Aristóteles<sup>1</sup>, na qual foi o tema de minha dissertação, relacionando com os super-heróis Superman, Batman, Homem Aranha e X-men.

Após obter o título de mestre, continuei minhas pesquisas, relacionando com outros filósofos como Sócrates<sup>2</sup>, Pla-

tão<sup>3</sup>, Rousseau<sup>4</sup>, Nietzsche<sup>5</sup>, Hobbes<sup>6</sup>,

<sup>3</sup> **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://bit.ly/2j0YCw8>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da **IHU On-Line**, de 22-4-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de Rousseau à modernidade política*, disponível em <http://bit.ly/ihuon415>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, nihilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>6</sup> **Thomas Hobbes** (1588-1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford e foi secretário de Sir Francis Bacon. A respeito desse filósofo, confira a entrevista *O conflito é o motor da vida política*, concedida pela professora Maria Isabel Limongi à edição 276 da revista **IHU On-Line**, de 6-10-2008. O material está disponível em <https://goo.gl/UMRVFg>. (Nota da **IHU On-Line**)

Kant<sup>7</sup> entre outros. O maior desafio sempre foi o aceite do mundo acadêmico, pois esse tema (cultura pop ou HQs) não são temas acadêmicos para a maioria das áreas científicas. Talvez por isso, há poucas produções a respeito. Há avanços, muitos eventos tratando sobre o tema, artigos, dossiês, algumas dissertações e teses publicadas. Mas uma década atrás, quando iniciei, pouca coisa se tinha. Aberturas foram realizadas para levar esse tema para o mundo acadêmico, mas ainda são pequenas as brechas. A academia brasileira ainda se fecha para tais assuntos, diferente no que se vê em outros países.

**IHU On-Line – Quais os desafios para se trabalhar conceitos como ética, valores morais a partir das narrativas de super-heróis, tocando as questões de fundo das tramas e sem cair na idolatria?**

**Gelson Weschenfelder** – Os enredos das histórias em quadrinhos de super-heróis estão cheios

<sup>1</sup> **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Sócrates** (470 a. C. – 399 a. C.): filósofo ateniense e um dos mais importantes ícones da tradição filosófica ocidental. Sócrates não valorizava os prazeres dos sentidos, todavia escalava o belo entre as maiores virtudes, junto ao bom e ao justo. Dedicava-se ao parto das ideias (Maiêutica) dos cidadãos de Atenas. O julgamento e a execução de Sócrates são eventos centrais da obra de Platão (*Apologia e Críton*). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>7</sup> **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant, foi publicado o **Cadernos IHU em Formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <https://goo.gl/SIII5H>. (Nota da **IHU On-Line**)

de dilemas éticos, morais políticos e sociais. Para todo leitor desse objeto cultural percebe-se isso. A discussão se faz quando se afasta desse objeto colocando esse sobre a luz da verdade, observando quais as questões e quais as bases teóricas estão por trás desse enredo. Assim, não tendo mais um olhar como leitor de um objeto de entretenimento, agora com um olhar mais apurado, buscando questões por trás daquelas aventuras.

### **IHU On-Line – Como aprender a cultura de massa e a cultura pop como algo além de simples produto da indústria cultural?**

**Gelson Weschenfelder** – As HQs de superaventura foram pioneiras em trazer questões na qual cada ser humano se depara diariamente. Não são tão inocentes como aparentam. Essas Histórias introduzem e abordam de forma vivida questões de suma importância enfrentadas por seres humanos ‘normais’, tais quais questões referentes: à ética, à responsabilidade pessoal e social, à justiça, ao crime e ao castigo, à mente e às emoções humanas, à identidade pessoal, à alma, à noção de destino, ao sentido de vida, ao que pensamos da ciência e da natureza, ao papel da fé na aspreza deste mundo, à importância da amizade, ao significado do amor, à natureza de uma família, às virtudes clássicas como coragem e muitos outros temas.

Sendo assim, são pratos cheios, para análises e entender o mundo em que vivemos através da arte.

### **IHU On-Line – Podemos considerar que o papel da cultura pop é mesmo trazer, traduzir o mais denso, o erudito para o popular, corriqueiro e cotidiano? Por quê?**

**Gelson Weschenfelder** – O verdadeiro papel da cultura pop é o entretenimento e o ganho financeiro em cima disso. Porém, há uma necessidade de prender o fã a essa cultura. Sendo assim, é um objeto cultural que aborda questões onde os seus

usuários estão inseridos ou onde gostariam de estar. Não concordo com a afirmação de “Traduzir o mais denso, o erudito para o popular, ...”. Se pegarmos objetos da cultura pop com a literatura fantástica, games e até mesmo os quadrinhos, veremos que trazem temas que necessitam de apurado domínio intelectual, conhecimento de contextos sociais, históricos, geográficos (entre outras ciências) avançados. De certa forma, é pré-conceito dizer que cultura pop é facilitador de questões densas. Cultura pop, mesmo não tendo um conceito aceito universalmente, não é somente cultura de massa ou popular. Vai muito além disso.

“Todos os personagens super heroicos e vilões passam por adversidades sociais e situações de risco”

### **IHU On-Line – De que forma a ideia de resiliência se faz presente no universo da cultura pop?**

**Gelson Weschenfelder** – Os personagens da cultura pop sempre possuem histórias de superações e empoderamentos. Nas HQs (tema de minhas pesquisas) não são diferentes.

Em minhas últimas pesquisas, queria perceber de que forma as HQs e as histórias de seus personagens impactam na vida de seus leitores. Pesquisando mais a fundo, percebi que todos os personagens super heroicos e vilões passam por adversidades sociais e situações de risco. Estão prestes a se tornarem super-heróis,

se tornar resilientes diante das adversidades, empoderam-se, vestem suas capas e máscaras e tornam o ser super heroico. Porém, esse, ao mesmo tempo, se torna um tutor de resiliência para outros personagens nas HQs. A expressão “Pré-Capa/Pré-Máscara” foi criada nesta pesquisa para referenciar o período da vida com momentos difíceis do personagem ficcional, durante os quais os super-heróis não desempenham funções heroicas.

Percebe-se assim que há relação entre a vida dos super-heróis e invulnerabilidade e as adversidades sociais, questões essa que muitas crianças e adolescentes enfrentam em seu dia a dia. Porém, após algumas buscas insistentes, quase nada se tem de literatura científica a respeito, tampouco constam no meio acadêmico estudos com o objetivo de realizar paralelos entre as adversidades da vida real de crianças e jovens desfavorecidos e as histórias de vida ficcionais vividas pelos super-heróis. Estas adversidades não limitaram os personagens na superaventura, muito pelo contrário, fizeram com que os mesmos se empoderassem e assim se tornando os super-heróis. Analisando esse contexto, os super-heróis são modelos de resiliência e, por que não, tornar esses em tutores de resiliência?

Em entrevistas, leitores de HQs demonstram que todos reconhecem que há adversidades sociais e situações de vulnerabilidade na vida fictícias dos personagens da superaventura, e citam que é na fase de infância e adolescência o período de vida onde os super-heróis enfrentaram dificuldades e sofrimentos (pré-capas/pré-máscara), que caracteriza o momento que antecede o empoderamento. Sendo assim, visualizam as questões de resiliência nos personagens. Além disso, a grande maioria acredita que esses personagens super heroicos são modelos positivos e podem inspirar expressões de resiliência em crianças e adolescentes.

### **Super da própria vida**

A partir disso cria-se o Programa de Intervenção “Seja Super-Herói de

sua própria vida”, onde foram apresentados as adversidade e momentos de vulnerabilidades sociais na qual os super-heróis vivenciam, o momento de empoderamento desses personagens, onde esses respondem de forma positiva todo o sofrimento vivenciado se tornando o super-herói. Foi trabalho a percepção sobre heroísmo, onde somente entendiam esse como concepção mitológicas, seres fortes (com super poderes) realizando trabalhos faraônicos, onde se apresentou heróis reais de nossa história.

Assim, nessas entrevistas, foram questionados a buscar na comunidade onde vivem pessoas que possam ser consideradas heróis ou heroínas, pessoas que realizam trabalhos em prol da comunidade e ou causas sociais. Com isso, o programa buscou levar aos participantes uma compreensão de que o heroísmo não está atrelado apenas aos super poderes, mas sim, a outras questões mais complexas e de educação nas práticas relacionais de cuidado, bons tratos, e reciprocidade com equilíbrio de poder. Após este entendimento, foi dada a tarefa de criar personagens heroicos, onde foram criados super-heróis que passaram por situações que muitos deles também passam ou presenciam, onde o empoderamento desses personagens era buscar soluções para seus próprios dilemas reais.

**IHU On-Line – Ainda dentro do mundo da cultura pop, que associação e dissociações podemos fazer entre os conceitos de alienação e resiliência? Quando um produto de cultura pop é resiliente e quando se transforma em alienante?**

**Gelson Weschenfelder** – É complexo o quanto uma cultura pode ser alienante ou resiliente. Como falado acima, há poucas pesquisas a respeito da cultura pop aqui no país e seus impactos. O que temos hoje é um alvo na cultura pop, culpando essa como fonte de todos os problemas em nossos jovens, como desculpas para o descaso, falta de comunicação e acessos com estes entre outros problemas sociais.

Há pesquisas que apontam o quanto objetos da cultura pop são válvulas de escapes para diversos problemas sociais na qual muitas crianças e jovens passam. Esse é o tema do pesquisador Gerard Jones<sup>8</sup> no seu livro “Brincando de Matar Monstros”<sup>9</sup>. Há pesquisadores de diversas áreas que comentam a necessidade da ficção para saúde mental e desenvolvimento do ser humano, e o quanto os objetos da cultura pop podem auxiliarem nesse processo.

Como pesquisador na área da educação, posso afirmar que percebo um grande potencial no uso dessas ferramentas, principalmente as HQs. Pesquisas realizadas com leitores de quadrinhos que nasceram entre as décadas de 1970 e 1990 apontam que o contato com a cultura pop (HQs, cinema, animações e etc.) desde a sua infância é propulsor de desenvolvimento de valores morais, indo ao encontro de estudo que mostra o quanto os personagens da ficção possam ser modelos de virtudes morais. Outro dado levantado nessa pesquisa mostra que, a grande maioria dos leitores de HQs entrevistados busca ou já buscou uma qualificação profissional em nível de Ensino Superior. O dado vai ao encontro de outro estudo aplicado pela Escola Superior de Administração, Marketing e Comunicação de Campinas – ESAMC, onde aponta que 76% dos leitores de quadrinhos entrevistados buscam ou já cursaram o ensino superior. Além disso, apontam que os leitores de quadrinhos, em sua maioria, possuem um maior desempenho escolar e hábitos de leitura em diversos gêneros. Isso revela o quanto as HQs possam vir auxiliar na formação cognitiva e educacional formal e não formal de seus indivíduos.

Os leitores de HQs entrevistados afirmam ainda que os super-heróis são fontes de inspiração e podem vir a auxiliar na promoção de desenvolvimento de qualidades para seus leitores, trazendo diversas categorias que empoderam os indivíduos. Es-

ses recursos, até então inexplorados, mostram um enorme potencial para o desenvolvimento de intervenções psicoeducacional e apoio às políticas sócio-educacionais. Assim, como falado anteriormente, ainda são poucas pesquisas a respeito. Mas as que se dedicam a essas questões trazem pontos positivos para o desenvolvimento daqueles que utilizam objetos dessa cultura.

**IHU On-Line – O quanto das perspectivas religiosas e teológicas são apropriadas pelo universo da cultura pop? Como se dá essa apropriação?**

**Gelson Weschenfelder** – Nos personagens da cultura pop há o conceito de jornada cíclica, presente nos mitos, conhecidos como “Jornada do Herói” cunhado pelo mitólogo/antropólogo Joseph Campbell (1904-1987)<sup>10</sup> em seu livro “O herói de mil faces”, publicado em 1949. Esse conceito está presente na franquia “Star Wars”; “Harry Potter”, entre outras, além de estar nos personagens dos quadrinhos e suas adaptações cinematográficas. O herói dos objetos da cultura pop, é o novo ser divino/herói das mitologias. Os mitos são fontes de inspirações.

Olhamos o Superman por exemplo, seu nome Kryptoniano é Kal-El, que em hebraico antigo Kal significa ‘força’ ou ‘vontade’ e El ‘deus’ ou ‘divino’. Nesse personagem está inserida a mitologia judaico-cristã, pois Superman é aquele que vem dos céus para nos salvar. Não podemos esquecer que os criadores desse personagem eram judeus, e o quanto trazem suas ideologias religiosas e seus anseios par aos enredos das histórias.

**IHU On-Line – Como o senhor tem percebido a resiliência nos jovens de hoje? O que os tem levado a esse quadro?**

<sup>8</sup> Gerard Jones (1957): escritor norte-americano, conhecido principalmente por seu trabalho de não ficção sobre a cultura e a mídia americanas e por seus editores de quadrinhos para vários editores. (Nota da **IHU On-Line**)  
<sup>9</sup> São Paulo: Conrad, 2004. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>10</sup> Joseph John Campbell (1904 —1987): mitologista, escritor, conferencista e professor universitário norte-americano, famoso por seus estudos de mitologia e religião comparada e autor da obra O Herói de Mil Faces, publicado originalmente em 1949. (Nota da **IHU On-Line**)

**Gelson Weschenfelder** – Há poucas iniciativas de programas de resiliência entre crianças e jovens, muitas deles são iniciativas individuais de alguns docentes ou pessoas ligadas a área de saúde. Não há políticas públicas e nem promoção de expressões de resiliência para nossos jovens. Tais temas são negligenciados por parte dos poderes públicos e até dos gestores escolares. Pouco se tem de esclarecimento sobre esses temas, e deixam somente para a área da saúde discutir tais assuntos.

Esse descaso aumenta significativamente as situações de risco e vulnerabilidade onde nossos jovens estão inseridos. Eventos considerados como risco são obstáculos individuais ou ambientais que podem aumentar a vulnerabilidade da criança e/ou adolescente para resultados negativos no seu desenvolvimento.

O que vem aumentando é a ‘resiliência oculta’, conceito que seria mais

bem esclarecido quando aplicado a grupos que não receberam nenhum tipo de intervenção ou auxílio, especialmente jovens que estão em situação de risco e de vulnerabilidade. Estes se ‘empoderam’ de forma negativa, respondendo contra a sociedade, conflitando a lei e apresentam problemas de comportamento em espaços sociais, tais como escola, ruas e etc.

### Resiliência como prevenção

Reiterando essa preocupação no Brasil, um balanço recente revelou o registro de 66.518 denúncias de violações de direitos humanos. Destas, 42.114 são relacionadas às violações dos direitos de crianças e adolescentes. Assim sendo, em 63,2% dos casos os alvos das violações são as crianças e adolescentes que, sem sombra de dúvida, constituem um segmento fragilizado da população brasileira. Segundo o estudo da Secretaria dos Direitos Humanos, esses abusos registrados contra crianças e adolescentes estão

mais concentrados em episódios de negligência (definida como a ausência ou ineficiência no cuidado) com 76,35%, seguida de violência psicológica com (47,76%), violência física (42,66%) e violência sexual (21,90%).

Estudos indicam que crianças que sofreram abandono ou negligência dos pais, abusos e outros tipos de violências e/ou privações apresentam taxas mais elevadas de comportamento desajustado na fase adulta do que seus pares não desfavorecidos. Sem a intervenção adequada, tais problemáticas poderão se agravar ao longo da adolescência e depois na idade adulta.

Em resposta a isso, vários profissionais da área de Saúde, Educação e Psicologia buscam soluções para as ameaças à saúde mental de crianças e adolescentes em situação de risco. Nesse sentido, projetos de intervenção com foco na promoção de resiliência devem ser priorizados como possibilidade de prevenção.■

2º Ciclo de Estudos



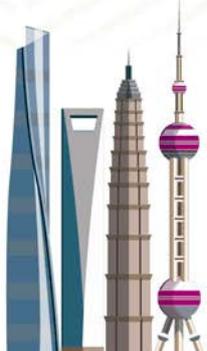
# a CHINA e o mundo

A (re)configuração geopolítica global



Prof. Dr. Thomas Patrick Dwyer  
Unicamp

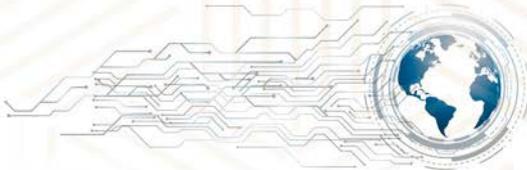
## Valores compartilhados, juventudes e agência. Insights sobre a China e os BRICS



Assista as palestras em  
nosso canal do YouTube



[youtube.com/ihucomunica](https://youtube.com/ihucomunica)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS  
DESAFIE  
O AMANHÃ.



Cena do filme Parasita (2019, de Bong Joon-ho)

## Além do que se vê

35

João Ladeira

“Parasita fala sobre o mundo – desemprego, crise e pobreza – ou sobre o próprio cinema?”, indaga **João Ladeira** sobre o filme vencedor da Palma de Ouro 2019.

### Eis a resenha.

Só um cego não enxergou o que Parasita (Gisaengchung, 2019, de Bong Joon-ho) pretendia dizer. A Palma de Ouro de 2019 se revelou uma alegoria potente sobre a crescente desigualdade, com uma perspicácia que Bong mal arranhara em seus trabalhos anteriores.

Impossível ignorar a menção ao desemprego na história sobre o moleque que, baseado numa matrícula universitária que não tem, descola um serviço de professor de inglês para uma menina rica; e, em seguida, põe na gig a irmã, fingindo-se de terapeuta; o pai, de motorista; e a mãe, de governanta.

Há pitadas da ironia no paralelo sul-coreano entre realidade e ficção: o impeachment de Park Geun-hye mesclado à relação com Choi Soon-sil. A farsa dá o tom de Parasita, transformando seu comentário social num cinema exemplar.

Há muitos hustlers nessa arte, e o gênero que desabrochou desde Golpe de Mestre (The Sting, 1973, de George Roy Hill), volta e meia produz espécimes hilários. Mas a família Kim se destaca com folga da multidão.

### Cartas na manga

Esses vigaristas fazem alguém acreditar em algo, e sua melhor estratégia reside no disfarce. Assumem o lugar de outrem, e, com truques de mão, acenam com aquilo que o outro espera para obter o que pretendem.

Após os Kim se infiltrarem na vida dos Park, os ricos do filme, eles experimentam na mansão o sabor da riqueza – literalmente. Quando os patrões viajam por uns dias, trocam a vista da cave onde moram pela do jardim chique.

Mas, quando Moon-gwang (Jeong-eun Lee), a governanta recém-despedida, ressurgir numa visita inesperada, começa um absurdo: um bunker e o marido da ex-empregada refugiado no subsolo.

Geun-se (Myeong-hoon Park) tem dívidas impagáveis: ele e o patriarca dos Kim, Ki-taek (Kang-ho Song), investiram num mesmo negócio frustrado. É didático o paralelo entre companheiros de classe: duas famílias proletárias, dois buracos no solo. Tudo nos lembra dos sacos de batatas que não ficam de pé.

### Risadas disparatadas

Mas *Parasita* é mais que acenos fáceis. Há um diálogo entre gêneros mais denso que clamores por unidade proletária. Os pobres têm seu quinhão de vigarice, e essa malandragem diz muito. Curioso, mas o que se desdobra daí são momentos dignos das melhores screwball comedies.

Nesses filmes, há pilantras do porte da Jean (Barbara Stanwyck) de *As Três Noites de Eva* (*The Lady Eve*, 1941, de Preston Sturges). Mas também, cruzamentos inauditos entre ricos e pobres: Tracy (Katharine Hepburn) e Mike (James Stewart) de *Núpcias de Escândalo* (*The Philadelphia Story*, 1940, de George Cukor).

Importante é que tudo acabe em perseguições, tropeços e embates, e os de *Parasita* são dignos da conclusão de *Levada da breca* (*Bringing Up Baby*, 1938, de Howard Hawks).

Bong se aproximaria da comédia maluca, mas há um caminho não percorrido. Seria necessário um romance para essa conexão, mas *Parasita* o evita. Existe uma brevíssima alusão ao affair de “Kevin” (Woo-sik Choi) e Da-hye (Jung Ziso), mas isso rapidamente desaparece.

A comédia maluca continha um embate entre potências, do qual a relação entre sexos era consequência, e não causa. Os casais se constituíam por sua escolha de tornarem-se tudo que poderiam ser – afinal, não é para isso que homens e mulheres deveriam ficar juntos?

Foi o diagnóstico brilhante de Stanley Cavell em *Pursuits of Happiness*, deslocando o entendimento banal desses filmes como histórias da Depressão. Ressurgia uma tensão extensa, indo de Conto do Inverno até as falas de Hepburn e Cary Grant.

Nisso, *Parasita* dá um passo atrás. Não escapa nem um tanto da Crise de 2008 – simplesmente porque não quer. Eram fantasias dos anos 1940 os intercâmbios entre diferenças inconciliáveis, quando se concedia soluções oníricas às tensões mais extremas.

Bong está no extremo oposto do cavalheirismo de *Aconteceu Naquela Noite* (*It Happened One Night*, 1934, de Frank Capra). A Muralha de Jericó não vai se desfazer nem existe um Peter Warne (Clark Gable), digno a ponto de ater-se a seus US\$ 39,60.

### Artistas do mesmo

Na comédia maluca, a luta por palavras permitia ultrapassar limites prévios em direção a outro encontro. Mas os personagens de *Parasita* – ao menos os do ramo proletário – não se inventam, apenas se adaptam ao que encontram pela frente.

Esses artistas desconhecem outro jogo – e a narrativa se apropria dessa incapacidade. O romance entre classes dos casais da screwball comedy era apenas um indício do renascimento que envolvia as escolhas sobre como amar.

*Parasita* toca o tema, negando-se tal solução. Para os pilantras, Bong poderia seguir o cinismo de Sturges. Seu final conseguiria flertar com a ingenuidade de Capra, no paralelo “Kevin”/Da-hye – Warne/Ellie (Claudette Colbert). Mas tudo leva de volta ao bunker.

Muita coisa mudou desde a última, longa jornada à cave – nossa e deles. As escadas do filme – e são várias – con-



Cartaz de *Parasita*

vergem para a descida até a casa alagada. Há degraus na chegada da mansão e no caminho do subsolo, mas essa passagem é diferente.

Logo depois, o filme se volta à matança digna dos filmes de horror. O sangue na festinha de aniversário provoca outro riso, o da violência B. Desde o esconderijo sob a mesa de centro dos Park, os Kim terminam diferentes do que começaram.

Ignorar a rotina enriquece Parasita: basta pensar nas impossibilidades do exílio na conclusão do filme, esse que vai durar até o fim dos tempos. A complexidade do nosso tempo vai além do que se vê.■

## Ficha técnica

Título original: Gisaengchung

Ano: 2019

Direção: Bong Joon-ho

Gênero: Comédia | Drama | Thriller

Nacionalidade: Coreia do Sul

Assista o trailer em: <http://bit.ly/2CHenTx>

**Ciclo de Estudos**

**Preparando o**  
**PACTO GLOBAL**  
para uma outra  
**ECONOMIA**

**Ecologia integral e a construção  
de outra economia: análises e  
perspectivas a partir de Edgar Morin**

Prof. MS Gilberto Faggion – Unisinos

**02 de dezembro**  
**17h às 19h**  
**Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU**  
**Campus Unisinos São Leopoldo**

Confira a programação completa em:  
[ihu.unisinos.br/evento/pacto-global-economia](http://ihu.unisinos.br/evento/pacto-global-economia)

 INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

 UNISINOS  
DESAFIO  
O AMANHÃ

# Jacques Dupuis: a nobreza da coerência evangélica

Faustino Teixeira

“O precioso trabalho de Dupuis veio reconhecido por muitas autoridades religiosas e acadêmicas. Foi o grande mestre e pioneiro no campo da teologia cristã do pluralismo religioso, tendo a ‘ousadia’ de ensinar no ‘olho do furacão romano’, com coragem e alegria, numa das Universidades católicas de maior evidência e repercussão internacional”, destaca **Faustino Teixeira**, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais - PPCIR-UFJF.

**Eis o artigo.**

38

O objetivo desta minha reflexão é divulgar o excelente livro-entrevista de Gerard O’Connell, “Il mio caso non è chiuso”. *Conversazioni con Jacques Dupuis* (Bologna, EMI, 2019), que é a tradução italiana da obra, *Do Not Stifle the Spiriti* (Maryknoll, Orbis Books, 2017). É um livro impressionante, que comove a todos que o leem, pela integridade e honestidade com que um dos maiores teólogos do século XX, o belga Jacques Dupuis, relata o seu caminho teológico e as dificuldades por que passou com a Congregação para a Doutrina da Fé, na era Ratzinger. Eu, que fui orientado por Jacques Dupuis no pós-doutorado na Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), entres os anos de 1997 e 1998, saí muito emocionado da leitura, que causou em mim um impacto impressionante. Nunca tinha visto, em detalhes, um livro que pudesse relatar com tanta coragem a dinâmica de “impiedade” e “dureza” de um dicastério romano voltado para o controle da ortodoxia teológica, embora a sua função, desde a criação por Paulo VI, ao final do Concílio Vaticano II (1962-1965), com o nome de Suprema Congregação para a Doutrina da Fé (CdF), fosse “promover e encorajar a teologia na igreja, e não aquela de emitir condenações”<sup>1</sup>.

O livro, com prefácio de Giancarlo Bosetti e introdução de Gerard O’Connell<sup>2</sup>, vem dividido em duas partes: Na primeira parte, intitulada “Um olhar em voo de pássaro”, abordam-se os antecedentes do processo que levou à Notificação do livro principal de Jacques Dupuis, “Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso” (1997), bem como as dores e consequências do processo; na segunda parte, intitulada “À busca da verdade”, vem desenvolvido o tema da teologia do pluralismo religioso revisitada. Um balanço provisório. O objetivo aqui não é tratar pormenorizadamente de todo o livro, mas apontar alguns aspectos que mais me chamaram a atenção na leitura e suscitar uma maior divulgação da obra e, quem sabe, uma tradução brasileira.

O livro-entrevista nasceu de uma proposta do jornalista Gerard O’Connell, que reside em Roma e é correspondente do Vaticano para a revista americana dos jesuítas, *America*. A ideia veio durante o processo sofrido por Dupuis, em razão de seu livro, e o teólogo belga hesitou muito no início em aceitar a empreitada, pelo fato de grande parte do material conter questões

<sup>1</sup> Gerard O’Connell. “Il mio caso non è chiuso”. *Conversazioni con Jacques Dupuis*. Bologna: EMI, 2019, p. 107. No artigo o livro sempre será citado com o número da página entre parêntesis, siglado com as palavras iniciais do subtítulo do livro: CJD (*Conversazioni con Jacques Dupuis*). (Nota do autor)  
<sup>2</sup> É também um testemunho de Gerald O’Collins (CJD, 21-25). (Nota do autor)

## “Jacques Dupuis foi grande pioneiro no debate da teologia cristã do pluralismo religioso, tendo trabalhado 36 anos na Índia, como missionário e professor de teologia”

que eram tidas como “reservadas” (CJD, 140). Depois aceitou contribuir para o livro, que foi precedido por muitas entrevistas realizadas em Roma. A proposta recebeu a acolhida positiva da editora Orbis Books, e depois a EMI, de Bologna, que logo providenciou a tradução para o italiano. O livro veio definido por Gerard O’Connell como “o último testamento do padre Jacques Dupuis” (CJD, 27).

Jacques Dupuis foi grande pioneiro no debate da teologia cristã do pluralismo religioso, tendo trabalhado 36 anos na Índia, como missionário e professor de teologia, até que em 1984 foi convocado pelo então Geral do Jesuítas, pe. Peter-Hans Kolvenbach, a assumir o trabalho docente na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (PUG). Tinha estado já na PUG como professor visitante por duas vezes, a convite do pe. René Latourelle, nos anos acadêmicos de 1981-1982 e 1982-1983. Durante o terceiro período como convidado é que veio então a convocação de Kolvenbach (CJD, 78). Jacques Dupuis atuou como professor no curso de Cristologia (no primeiro e segundo ciclo) e também no curso especial de teologia das religiões. Na ocasião, sua acolhida como membro permanente da comunidade dos jesuítas e do staff da universidade “foi muito calorosa”, sobretudo por parte dos superiores (CJD, 79).

Um traço característico de Jacques Dupuis, percebido por todos que tiveram a sorte de viverem com ele, assistirem suas aulas ou participarem de sua orientação, era a coerência profunda. Foi esta coerência e honradez que marcou todo o seu itinerário de sacerdote jesuíta e professor de teologia. Dizia sempre para seus alunos, e pude testemunhar isso, que não sabia ensinar o que não pensava. Buscou assegurar-se, sempre, de manter uma profunda coerência na sua vida, evitando a todo custo a discrepância entre a vida e o discurso (CJD, 105). No livro-entrevista ele reforça isso algumas vezes, evitando “esconder” suas reflexões. Isso não fazia parte de sua pedagogia, que envolvia a partilha honesta e digna daquilo que adornava o seu ser e que constituía o objeto fundamental de sua crença (CJD, 235 e 232). Dizia: “Devo confessar que jamais renunciei a dizer e ensinar o que considerava verdadeiro. E acredito que os estudantes que seguiam os meus cursos reconheciam em mim a honestidade e sinceridade, a completa coerência entre o que pensava e ensinava” (CJD, 81).

Durante a entrevista apontou as três escolhas que marcaram a sua vida: a decisão de entrar na Companhia de Jesus (os Jesuítas), a sua experiência na Índia e o seu exercício acadêmico (CJD, 277). Falava com alegria da certeza de sua vocação sacerdotal, sobretudo sua vocação jesuíta (CJD, 303). Dizia: “Quando repenso minha vida, em todas as graças acumuladas em quase oitenta anos, não posso senão admirar a providência de Deus, o seu cuidado paterno e sua constante solicitude. As três escolhas realizadas em resposta à chamada pessoal de Deus, trouxeram tanta alegria e satisfação à minha vida.” (CJD, 278). Reconhece a alegria de ter convivido sessenta e dois anos na Companhia de Jesus, “sob a guia de grandes superiores e junto a colegas estudantes e depois a colegas docentes e jovens estudantes” (CJD, 336). Reconhece que nesses longos anos a vida foi “uma festa”, tendo recebido muitas graças na experiência comum com os jesuítas.

O precioso trabalho de Dupuis veio reconhecido por muitas autoridades religiosas e acadêmicas. Foi o grande mestre e pioneiro no campo da teologia cristã do pluralismo religioso, tendo a “ousadia” de ensinar no “olho do furacão romano”, com coragem e alegria, numa das Universidades católicas de maior evidência e repercussão internacional. Durante todo o processo em que se viu envolvido, recebeu o apoio do cardeal Franz König<sup>3</sup>, do arcebispo de Calcutá (Henry

<sup>3</sup> O apoio de König provocou a reação de Ratzinger, que escreveu uma réplica no mesmo jornal onde o cardeal König tinha escrito (CJD, 165-169). (Nota

Sebastian D´Souza), do superior dos Jesuítas, Peter-Hans Kolvenbach, do provincial jesuíta da Ásia (Lisbert D´Souza), do colega da Gregoriana, Gerald O´Collins, de Monsenhor Fitzgerald, e de outros tantos teólogos: Claude Geffré, Luigi Sartori, Hans Küng, Paul Collins, Gustavo Gutiérrez, Jon Sobrino, Tissa Balasuriya, Peter Phan, Terrence Merrigan e outros (CJD, 165-166, 320, 149-150, 155, 186). Cito aqui a reação que Monsenhor Fitzgerald, que era na ocasião secretário da PCDI (Pontifícia Comissão para o Diálogo Inter-Religioso) e hoje é cardeal. Sua fala aconteceu durante o lançamento da obra pioneira de Dupuis na Gregoriana, em 22/11/1997, e eu estava presente no evento, junto com o pe. José Oscar Beozzo, podendo presenciar o discurso. Sublinha que o livro revela-se “extremamente útil nas faculdades de teologia, nos institutos teológicos, nos seminários e nas casas de formação de todo o mundo”. Uma obra que permanecerá “por muito tempo a melhor obra de síntese e o texto standard de referência” (CJD, 149-150). O teólogo dominicano francês, Claude Geffré, na sua obra, *Profession Théologien* (Paris: Albin Michel, 1999, p. 202-203), fala sobre a mudança de paradigma provocada pela reflexão de Dupuis, como “verdadeiro momento epocal”, favorecendo uma singular ampliação da percepção ecumênica que traduz o diálogo inter-religioso (CJD, 148).

A grande virada teológica na vida de Dupuis começou a ocorrer na sua experiência indiana. Foi ali, a partir de sua exposição à Ásia, que aconteceram os primeiros passos de abertura de sua teologia. Foi a oportunidade essencial para romper com o modo tradicional de fazer teologia e dar início à perspectiva indutiva, que caracterizará sua reflexão sequencial (CJD, 60). A abertura se deu igualmente em sintonia com os primeiros passos do Concílio Vaticano II, que ofereceram ao autor a oportunidade de se destacar criticamente dos caminhos teológicos tradicionais, “aparentemente intocáveis” (CJD, 60). Abria-se também para ele ali a possibilidade de nova abertura às tradições religiosas, e o convite à perspectiva dialogal (CJD, 61). Pode-se também registrar o seu esplêndido trabalho de assessor junto à Conferência dos Bispos da Ásia (FABC), com contribuições importantes nos documentos produzidos pela Conferência, e também no Sínodo sobre a Evangelização dos Povos, de 1974, que vai resultar na Exortação Apostólica de Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*. Dupuis vai assinalar no livro-entrevista que sua experiência na Índia foi “a mais alta graça” que recebeu de Deus em sua vocação profissional de teólogo e professor (CJD, 336). A Índia foi, assim, tão importante para ele, que resistiu renunciar ao seu trabalho para se deslocar a Roma, sob pedido do superior jesuíta, Kolvenbach. Na Índia ensinou primeiramente em Kurseong e depois em Nova Delhi. Curioso que na ocasião era visto pelos indianos como um professor conservador em teologia, e depois em Roma, será visto como um “progressista extremado” (CJD, 269)<sup>4</sup>.

Dupuis começa o seu trabalho na Gregoriana de Roma como professor visitante, no ano acadêmico de 1981-1982, a convite de René Latourelle, decano da Faculdade de Teologia. Suas aulas eram dadas em inglês, depois passando a lecionar em italiano, a partir do ano acadêmico de 1985-1986. Foi aos poucos introduzindo o método indutivo e a perspectiva hermenêutica na sua reflexão teológica. Estava convencido que “a tarefa do teólogo não consistia simplesmente em repetir o que sempre tinha sido dito pelos clássicos, e muito menos repetir para seu público o conteúdo das recentes encíclicas papais ou os decretos da CdF” (CJD, 103).

As aulas do professor Jacques Dupuis eram muito concorridas, tendo que recorrer à Aula Magna da Faculdade para poder acolher todos os alunos inscritos, que chegavam a 200. Dupuis lembra que suas aulas eram muito procuradas, e se “sentia em casa com os alunos” (CJD, 102). Assim como nas aulas, a busca se dava também para o trabalho de orientação na Licença (Mestrado) e no Doutorado. Não desconhecia o “clima” complexo que envolvia o ensinamento numa prestigiosa faculdade teológica, ali perto do Vaticano, e que tinha um papel decisivo na formação dos quadros da igreja católica. O clima era de certo “medo”. Já se falava na ocasião, com base nas reflexões e temores do cardeal Ratzinger<sup>5</sup>, do risco do relativismo e da defesa da identidade cristã. Os teólogos das pontifícias tinham “medo de falar por temor de receber represálias por parte da autoridade doutrinal” (CJD, 105). Foi nesse clima que ele atuou na Gregoriana. No livro-en-

do autor)

<sup>4</sup> O teólogo Raimon Panikkar, mesmo sem sublinhar o nome de Dupuis, relata a questão no seu livro-entrevista: *Entre Dieu et le cosmos. Entretiens avec Gwendoline Jarczyk*. Paris: Albin Michel, 1998, p. 168. Sublinha que na Índia Dupuis era identificado por sua “atitude ocidental e conservadora”, e depois em Roma passa a ser visto como um “símbolo de progressismo e abertura”. (Nota do autor)

<sup>5</sup> O ambiente romano estava marcado pela presença da obra recém-lançada do cardeal Ratzinger: *Rapporto sulla fede*. Cinisello Balsamo: Paoline, 1985 (em colóquio com Vittorio Messori). Era o livro que pautava o campo da restauração católica. (Nota do entrevistado)

trevista chegou a fazer uma sugestão aos candidatos provenientes dos países do Terceiro Mundo que estudavam em Roma: o conselho de “não se deixarem seduzir facilmente pela perspectiva de um eventual encargo de ensinamento numa universidade romana” (CJD, 105).

Além das aulas na Gregoriana, Dupuis trabalhou como assessor da Pontifícia Comissão para o Diálogo Inter-religioso por dez anos, entre 1985 e 1995, tendo participado intensamente na elaboração de um dos documentos mais abertos do Magistério católico sobre o tema do diálogo inter-religioso: o documento Diálogo e Anúncio (DA), de maio de 1991<sup>6</sup>.

Durante o período de ensino na Gregoriana tinha lançado o seu primeiro livro envolvendo o tema da teologia das religiões: *Gesù Cristo incontro alle religioni* (Assisi: Cittadella, 1989). Trata-se do primeiro volume do que será visto como uma trilogia do autor em torno do tema da teologia das religiões (CJD, 93). Nessa obra já buscava tratar o complexo tema da conciliação entre a fé em Jesus Cristo e o significado positivo das outras tradições religiosas. Foi o livro que deu início à divulgação mais ampla da reflexão aberta de Jacques Dupuis, ganhando sequência com sua obra de referência: *Verso una teologia Cristiana del pluralismo religioso* (1997)<sup>7</sup>.

Esta obra de Dupuis, que se tornou um clássico, teve dois grandes lançamentos. O primeiro foi realizado em 27 de outubro de 1997, no Instituto Católico de Paris. O livro foi lançado na prestigiosa coluna *Cogitatio Fidei*. Estavam presentes, além do autor, os teólogos Claude Geffré e Joseph Doré. O segundo, em 22 de novembro de 1997, na Pontifícia Universidade Gregoriana, com as presenças do reitor da PUG, pe. Giuseppe Pittau, do Presidente da Associação dos Teólogos Italianos, Giacomo Canobbio, Monsenhor Michael Fitzgerald<sup>8</sup>, então Secretário do Pontifício Conselho para o Diálogo-Inter-religioso e o prof. Gerald O'Collins, da Gregoriana, além do próprio Jacques Dupuis.

Apesar dos elogios à obra durante seu lançamento em Paris e Roma, logo foram aparecendo resistências dos setores mais tradicionais da cúria romana e da teologia tradicional. Como mostrou Dupuis no livro-entrevista, o livro rapidamente tornou-se objeto de intensas discussões e críticas, o que ainda ocorre até hoje. Ele suscitou “controvérsias apaixonadas” (CJD, 120). Os primeiros sinais de contestação pública vieram com dois artigos publicados em Roma: um no *Jornal L'Avvenire* (14/04/1998), de autoria de Inos Biffi (CJD, 151-152)<sup>9</sup>; e outro na revista *La Civiltà Cattolica* (no número 3, 1998), de autoria de Giuseppe De Rosa (CJD, 152-153)<sup>10</sup>. Em reação ao artigo de Inos Biffi, Dupuis apresentou ao reitor da Gregoriana uma nota de comentário, de dez páginas, visando publicar no mesmo jornal. O reitor considerou o texto muito grande e redigiu uma nota mais sintética, e enviou ao diretor do jornal. Essa nota jamais foi publicada (CJD, 152).

Com o artigo amplo de De Rosa estava indicada a senha que marcava o início do processo ao livro. Da publicação do artigo no periódico jesuíta para a reação da CdF foi um passo curto. A resposta crítica da CdF veio depois de sua sessão ordinária, realizada no dia 10 de junho de 1998, quando então se decidiu pela “contestação do livro” (CJD, 121). A reunião veio precedida de um encontro dos consultores da CdF, alguns dos quais eram professores da Gregoriana, e que haviam chegado a um consenso a respeito da avaliação negativa da obra (CJD, 177).

Como costuma acontecer nesses casos, o procedimento adotado pela CdF não envolve diretamente o responsável pela obra, mas passa antes pelo superior religioso do envolvido. O que ocorreu nesse caso foi uma correspondência entre o Prefeito da CdF, o cardeal Ratzinger, e o superior de Dupuis, pe. Peter-Hans Kolvenbach. Em carta de 26 de setembro de 1998, o cardeal Ratzinger comunicou a decisão ao superior de Dupuis. Junto com a carta, um documento de nove páginas contendo as questões levantadas pela CdF ao livro de Dupuis, indicando um pra-

6 Durante a elaboração da DA, as tensões com o cardeal Tomko, então Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, estavam evidenciadas. Houve também protestos do bispo brasileiro, Boaventura Kloppenbug contra o número 29 do documento (CJD, 85-87). Não sem razão, o documento sofreu 5 redações, resultando num documento de “compromisso” entre tendências evangelizadoras dissonantes. (Nota do autor)

7 Na tradução brasileira: *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999. As primeiras edições saíram em italiano, francês e inglês, seguidas de traduções de outras diversas línguas. Na ocasião da publicação do livro-entrevista, tinham saído sete edições em inglês (*Orbis Books*), duas em francês (*Cerf*), quatro em italiano (*Queriniana*), uma em espanhol (*Sal Terrae*), português (*Paulinas*) e indiano (*Gujarat Sahitya Prakash*) (CJD, 118). (Nota do autor)

8 O discurso favorável de Monsenhor Fitzgerald ia ser publicado na revista *Pro Dialogo* (da PCDI), mas para evitar uma possível tensão com a CdF, sua publicação veio cancelada. Posteriormente, quando foi publicado, a redação tinha sido remodelada (CJD, 150). (Nota do autor)

9 Como curiosidade, neste mesmo dia o professor Jacques Dupuis tinha feito uma visita à minha casa em Roma, e estava visivelmente aborrecido com o sucedido. (Nota do autor)

10 No original o artigo se intitulava: “Uma teologia do pluralismo religioso”. Depois de passar pela CdF, ele retornou com um acréscimo: “Uma teologia problemática do pluralismo religioso” (CJD, 153). (Nota do autor)

zo de três meses para o teólogo responder às questões levantadas. O procedimento deveria ser realizado com toda prudência e reserva, como normalmente ocorre nos processos da CdF (CJD, 121). Dupuis ficou sabendo da questão por intermédio do reitor ad interim da Gregoriana, o padre Francisco Javier Egaña, em 02 de outubro de 1998, que o convocou ao seu gabinete para dar a informação e passar a Dupuis uma cópia dos documentos. Na ocasião, Dupuis recebeu todo o apoio do padre Egaña (CJD, 180). Em seguida, Dupuis marcou um encontro com o pe. Geral, Kolvenbach, que o recebeu prontamente. Na conversa entre os dois, nasceu a decisão de cancelar o curso de Dupuis, que estava previsto para começar no primeiro semestre letivo de 1998, em outubro (CJD, 180). Dupuis sugeriu que a decisão conjunta fosse comunicada aos alunos, com um aviso que foi afixado no átrio da Universidade, assinado pelo pe. Sergio Bastianel – decano da Faculdade de Teologia, e que causou muita discussão (CJD, 122-123). O que era para ser mantido em segredo acabou tornando-se público, para o desgosto da CdF, que advertiu depois o pe. Geral (CJD, 122-123).

Eu pude participar do último curso dado por Dupuis na Gregoriana, bem como do seminário que ele ofereceu para os alunos de doutorado. Isto foi no ano letivo de 1997-1998. Ao final da última aula, na sala magna da Gregoriana, o teólogo foi aplaudido de pé pelos alunos, por vários minutos. Isto também vem relatado por Dupuis em seu livro-entrevista: “Recordo, em particular, quando me levantei, e recebi um longo e forte aplauso, na sala magna, naquela que foi, com efeito, minha última lição na Universidade”. Sublinha ainda que parecia que os alunos estavam prevendo o que vinha pela frente, e quiseram responder com um “generoso aplauso” (CJD, 184-185).

As reações à decisão da CdF dividiram as opiniões na Gregoriana. Alguns queriam ver logo a condenação de Dupuis; outros torciam para um desfecho da história, de forma a não deixar traços no futuro. Há que lembrar que cinco professores da Gregoriana faziam parte do núcleo de assessores da CdF: Karl Becker, Bartholomew Kiely, Rino Fisichella, Luis Ladaria e Gilles Pelland. Dentre tais professores, Rino Fisichella, que depois se tornou bispo auxiliar em Roma e reitor da Universidade Lateranense, tinha emitido um parecer bem crítico ao livro de Dupuis (CJD, 178). A favor de Dupuis, o único dentre eles que se manifestou positivamente com respeito ao caso foi o professor Karl Becker, que o defendeu na mencionada reunião dos consultores da CdF (CJD, 178).

Jacques Dupuis teve diversos encontros com o pe. Geral, Kolvenbach, durante aquele longo período em que seu livro esteve sob o exame da CdF. Assim que ocorreu a decisão do dicastério romano, Kolvenbach escreveu uma declaração a todos os jesuítas do mundo falando sobre a questão. Dizia: “Esperamos que padre Jacques Dupuis possa continuar o seu trabalho pioneiro de pesquisa no campo do diálogo inter-religioso que João Paulo II encoraja, na sua recente carta apostólica *Novo millennio ineunte*” (CJD, 227).

E o teólogo dedicou-se ao trabalho de elaborar sua resposta ao Ex-Santo Ofício, que resultou num texto de 188 páginas, assinado em 25 de dezembro de 1998 e entregue ao superior Kolvenbach, que o encaminhou ao cardeal Ratzinger (CJD, 123). As respostas de Dupuis, e suas ponderações, foram julgadas insatisfatórias pela CdF, que providenciou mais nove páginas de interrogações dirigidas a Jacques Dupuis, indicando um novo prazo para sua resposta. O documento insistia na necessidade de respostas “pontuais e precisas” (CJD, 124). Dupuis volta ao trabalho, produzindo desta vez 66 páginas, concluídas em 1º de novembro e encaminhadas à CdF no dia 02 de novembro de 1999, por intermédio de Kolvenbach.

Mais uma vez as respostas foram consideradas insuficientes, sendo que a CdF decidiu fazer uma Notificação sobre o livro em questão, e o esboço da Notificação foi encaminhado ao Geral dos Jesuítas através de carta do secretário da CdF, Tarcisio Bertone, em 25 de agosto de 2000. A carta indicava ainda a necessidade de um encontro de Dupuis com o cardeal Ratzinger, como parte de um “processo judiciário”. O encontro realizou-se no dia 04 de setembro de 2000, com as presenças de Dupuis, o Geral Kolvenbach e o “advogado” de Dupuis, o pe. O’ Collins, e por parte da CdF, o cardeal Ratzinger, o secretário Tarcisio Bertone e o consultor Angelo Amato, que já tinha anteriormente se manifestado contra o livro (CJD, 124-125).

Um pouco antes da reunião tinha sido publicada a declaração *Dominus Iesus*, da CdF, assinada pelo cardeal Ratzinger em 06 de agosto de 2000. Não há dúvida que a reunião esteve pontuada pelo “clima” da declaração de Ratzinger, que foi, em verdade, redigida por Angelo Amato, com exceção do capítulo 4 sobre o ecumenismo (CJD, 158). Durante a reunião, o cardeal Ratzinger

indagou a Dupuis se ele estaria disposto a declarar que seu livro “deveria ser interpretado à luz da Dominus Iesus”, ao que ele respondeu que “isso seria pedir demais” (CJD, 217). Era a primeira vez que Dupuis se encontrava com Ratzinger na vida, mesmo já vivendo 16 anos em Roma (CJD, 127). O colóquio durou duas horas, sem nenhuma pausa, e foi definido por Ratzinger como um “diálogo”. Na visão de Dupuis, não foi propriamente Ratzinger que tratou do caso pessoalmente, mas delegou toda a investigação a seus consultores, que eram de sua extrema confiança (CJD, 290). Mesmo o papa João Paulo II, que chegou a assinar cinco vezes documentos críticos a Dupuis, autorizando sua publicação, não tinha um conhecimento da obra do teólogo inquirido (CJD, 342). Quem teve mesmo um papel decisivo na dinâmica interpretativa foi o consultor Angelo Amato. Esse teólogo chegou a afirmar em obra organizada pela CdF que a Dominus Iesus “oferecia um quadro de referência essencial para a teologia das religiões e o diálogo inter-religioso”<sup>11</sup>.

Jacques Dupuis estava bem consciente desses métodos de procedimento da CdF, que considerava – como outros – “injustos, impessoais e desumanos” (CJD, 142). Em seu livro-entrevista ele cita as diligências utilizadas contra o grande teólogo do Vaticano II, Yves Congar, que igualmente passou por processo doloroso, e que relata o que se passou com ele em seu Diário de um teólogo<sup>12</sup>. É impressionante o relato de Congar, que chega a comparar os métodos do então Santo Ofício com os exercidos pela Gestapo nazista. Dupuis sublinha que se esse diário tivesse sido publicado antes de 1993, dificilmente Congar teria se tornado cardeal da igreja romana (CJD, 243 e 241-242)<sup>13</sup>.

O cardeal Godfried Danneels tinha prevenido Dupuis sobre a dolorosa dinâmica que move os processos da CdF. Em conversa com ele, em novembro de 1999, tinha advertido: “tenha coragem; tudo isto pode durar ainda vinte anos” (CJD, 259). Se teólogos como Congar e De Lubac sofreram algo semelhante, foram privilegiados por isto ter ocorrido quando ainda eram jovens, tendo o privilégio de serem reabilitados pelo papa João XXIII, e exercido um papel de destaque na assessoria dos documentos do Vaticano II. Dupuis, ao contrário, não dispunha desse tempo, nem alimentava desejo de endossar nenhum barrete vermelho (CJD, 259).

A dinâmica que marcou a Notificação contra o livro de Dupuis foi também complexa e demorada. Não houve acordo em torno do primeiro esboço, e um novo texto foi apresentado a Dupuis, com as mudanças requeridas. Não se falava mais, como anteriormente, em “erros contra a fé”, mas de “ambiguidades a serem esclarecidas” (CJD, 133). Com a intermediação do Geral dos Jesuítas, Kolvenbach, Dupuis acabou assinando, meio a contragosto. O texto com a assinatura foi enviado à CdF por intermédio de Kolvenbach, em 16 de dezembro de 2000, sendo publicado no jornal *L’Osservatore Romano*, em fevereiro de 2001. Junto à notificação assinada, uma carta de Dupuis que explicava o significado dado à sua assinatura. Dizia ali que em suas publicações ou conferências realizadas no futuro levaria em conta o texto da DI e da Notificação, e nada além disso (CJD, 134). Apesar disso, Dupuis vai se surpreender com o teor da Notificação em sua publicação definitiva, em razão de ela apresentar um parágrafo novo, que não tinha sido acordado. Ali se dizia que Dupuis com sua assinatura se empenharia em assentir às teses enunciadas na Notificação e ater-se no futuro, tanto em sua atividade teológica e publicações aos “conteúdos doutrinários indicados na Notificação, cujo texto deverá igualmente aparecer nas edições ou reedições do livro em questão” (CJD, 134). O que ocorreu aborreceu profundamente Dupuis, que de certa forma já temia isso antes de assinar o documento. Avaliou como um ato de “desonestidade”. E assinalou: “Era difícil acreditar que altos funcionários da Cúria romana – em particular o cardeal Ratzinger em pessoa – pudessem recorrer a públicas mentiras para esconder a mesquinha dos procedimentos que seguiam” (CJD, 240).

Apesar de todo esse “clima”, Dupuis continuou o seu trabalho teológico, ainda que com restrições. Retomou o sentimento de “liberdade” e os percursos de sua reflexão. Depois da publicação da Notificação, ele continuou escrevendo. Seguindo a trilha da coerência de sua reflexão, Dupuis consegue publicar um novo livro em setembro 2001, com a *Imprimi potest* (autorização) de Francisco Egaña, vice-reitor da Gregoriana. No prefácio da edição italiana, o belo texto

11 CONGREGATIO Pro Doctrina Fidei. Documenta. Inde a Concilio Vaticano Secundo expleto edita. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006, p. 8 (Praenotanda). (Nota do autor)

12 Yves Congar. *Journal d’un théologien. 1946-1956*. Paris: Cerf, 2000. (Nota do autor)

13 Relata ainda que ele, Congar, chegou na ocasião a urinar no muro do palácio do Santo Ofício, como expressão de seu total desprezo pelo dicastério romano (CJD, 243). (Nota do autor)

do teólogo Luigi Sartori: “Reflexões confidenciais de um amigo”. Como indicou Dupuis, o livro “manteve a posição teológica do livro precedente”, com o reforço de novos argumentos e considerações (CJD, 255). Inserido na obra iam sair dois apêndices com a reação de Dupuis aos recentes documentos da CdF: a DI e a Notificação<sup>14</sup>. Não houve, porém, o aceite dos superiores, que ponderaram sobre a conveniência da presença daqueles textos no livro, que poderia soar como uma ofensa à CdF. O que então fez Dupuis foi redigir um breve *Post scriptum*, onde faz menção aos documentos recentes da CdF e defende a plausibilidade da “manutenção de um diverso modo de expressar a doutrina”, ou ainda, “uma distinta percepção da mesma fé num diverso contexto”<sup>15</sup>. Curiosamente, o livro não provocou reações da CdF. Mas o futuro previa novas dificuldades, com a nomeação de Angelo Amato para secretário da CdF, em dezembro de 2002 (CJD, 139)<sup>16</sup>.

O cerco vai se apertar para Dupuis nos dois anos seguintes, com as negativas de autorização de outras publicações. Por recomendação do cardeal Ratzinger, Dupuis deixa também a direção da revista *Gregorianum*, onde atuava como editor há dezoito anos (1985-2002). Por meio de carta do reitor da Gregoriana, Franco Imoda, Dupuis é destituído do cargo, assim como O’Collins perde a função de consultor da revista. A carta com esse informe vem recebida por Dupuis em 28 de maio de 2002 (CJD, 139 e 256).

As viagens ainda aconteceram, mas as restrições foram se ampliando. Ele tinha dado três conferências no exterior, duas em Bruxelas (maio de 2001) e outra na Polônia (setembro de 2001). O tema das conferências em Bruxelas foi publicado no número de outubro/dezembro de 2001 na *Nouvelle Revue Théologique*, em torno ao “desafio da teologia das religiões e do diálogo inter-religioso hoje” (CJD, 248-249). A resposta da CdF veio logo em seguida, com uma carta do cardeal Ratzinger ao pe. Kolvenbach, solicitando medidas específicas contra Jacques Dupuis. Na carta, datada de janeiro de 2002, Ratzinger cobrava do Geral um posicionamento, uma vez que, em seu parecer, Dupuis estava descumprindo o prometido, pois as coisas que andava dizendo em suas conferências estavam em contradição com a Notificação que ele tinha assinado (CJD, 251). E reitera, em sua carta, que Dupuis deveria abster-se no futuro de intervenções ou discursos que contrariassem a Notificação.

Os manuscritos que Dupuis escreveu no período, em número de 4, foram todos recusados por seus superiores; um deles, em torno de um balanço provisório do pluralismo religioso, foi proposto para publicação na *Gregorianum* (CJD, 209). Vale citar, em particular, o livro proposto por Dupuis, intitulado *Pluralismo religioso e diálogo*, que foi apresentado ao vice-reitor pe. Francisco Egaña, que tinha antes dado o imprimatur ao livro de Dupuis sobre o cristianismo e as religiões (2001), e não recebe desta vez sua aprovação<sup>17</sup>. O circuito estava agora bem mais apertado, e o temor das represálias da CdF tinha se acentuado. Em carta, Egaña lembra a Dupuis que a CdF tinha insistido com os superiores da Companhia de Jesus para exercerem uma particular vigilância sobre seus escritos, e que a abertura da discussão poderia reabrir um debate que provocaria dano para todos, e também para os jesuítas (CJD, 345). A posição do vice-reitor vem corroborada pelo delegado do Geral, Guillermo Rodrigues-Izquierdo, que em carta a Dupuis, de 07/02/2012, solicita a suspensão de abordagens que polemizem com a Santa Sé. Em outra carta, de 13/02/2002, o Geral manifesta também sua inquietação. Ele diz: “Deixa que eu te diga (...) francamente e sem ambiguidade, que nas tuas publicações e conferências não pode defender posições doutrinárias que a Notificação claramente desaprovou”. Ressalta ainda a importância da prudência, no sentido de “preservar a reputação de ortodoxia da Gregoriana” e pontua que o tema do diálogo inter-religioso é um “campo minado” (CJD, 137, 254 e 353). A reação de Dupuis foi de muita tristeza. Foi para ele uma carta “traumática” (CJD, 253) e dizia: “Nessa situação não me resta senão decidir parar de escrever livros e artigos, esperando que os manuscritos referidos possam ser publicados depois de minha morte” (CJD, 345). Não se pode, porém, negar o papel de Kolvenbach em todo o processo. Talvez seja em razão de sua intermediação que a reação da CdF não foi ainda mais violenta, como o próprio Dupuis admitiu (CJD, 337).

<sup>14</sup> Esses textos foram depois publicados no livro: *Perché non sono eretico. Teologia do pluralismo religioso: as acusações, a minha defesa*. Bologna: EMI, 2014. (Nota do autor)

<sup>15</sup> Jacques Dupuis. *Il cristianesimo e le religioni*. Brescia: Queriniana, 2001, p. 484. (Nota do autor)

<sup>16</sup> Angelo Amato tinha escrito um duro artigo contra o livro de Dupuis na revista *Seminarium*, n. 4, 1998. (Nota do autor)

<sup>17</sup> Três dos avaliadores da Gregoriana que examinaram o livro, a pedido de Egaña, tinham desaprovado sua publicação em razão de julgarem que o texto apresentava afirmações incompatíveis com a doutrina da igreja, e em particular com a DI (CJD, 344-345). (Nota do autor)

A verdade é que com todo esse sofrimento, Jacques Dupuis adoeceu, literalmente. Em sua réplica ao cardeal Ratzinger, König já percebia isso, ao falar sobre o “dano humano” provocado em Dupuis com toda essa polêmica. Fala em piora de sua saúde e em estado de depressão (CJD, 169). De fato, Dupuis relata que sua saúde saiu bem comprometida, ressentindo-se daquele clima desfavorável. Foram vários distúrbios, incluindo uma trombose pulmonar, além de uma depressão; foram também várias internações (CJD, 195 e 235). Relatou ainda:

“Me senti, e ainda sinto-me um homem destruído, que não poderá jamais recuperar-se da suspeita que a autoridade da minha igreja – uma igreja que amo e a qual servi toda a minha vida – jogou sobre mim. A alegria de viver terminou, e talvez não virá jamais. Não recordo, nem mesmo, o momento em que, depois daquele 02 de outubro de 1998, consegui soltar uma bela risada” (CJD, 236 e 365-366).

Além disso, Dupuis sentiu-se abandonado e renegado por sua comunidade. Sublinhou que a ferida instalada não poderia jamais curar-se, e não poderia mais ser aquela pessoa feliz, marcada pelo “senso da liberdade a que todo ser humano tem direito” (CJD, 260). Ao final, sentia-se sozinho na Gregoriana, fazendo suas refeições solitariamente, num cenário onde conviviam censores do Ex-Santo Ofício. Da comunidade jesuíta não recebeu nenhum apoio ou nota de solidariedade, com exceção do amigo de sempre, Gerald O’Collins. Até questões de ordem financeira foram aventadas para livrar-se de seu “peso” ali na comunidade, como as indiretas do padre responsável pela administração econômica da casa (CJD, 369).

E o mais duro é dar-se conta que a igreja mesma foi a propulsora dessa situação, a igreja que amava. Conseguia, entretanto, diferenciar a igreja verdadeira, do “fator igreja”, ou seja, daqueles que na igreja “exercem a autoridade como imposição e não como serviço” (CJD, 260). Em torno desse “fator igreja” chegou a levantar novas questões, a alimentar dúvidas e interrogações. Foram “sérias” as ponderações suscitadas, que envolviam mesmo a indagação sobre a perseverança. Reconhecia, com alívio, que esse dom estava firme em seu coração. Não tinha dúvidas com respeito à sua fidelidade a Deus e a Jesus Cristo, que para ele era “a única paixão de sua vida” (CJD, 335). Agradece a Deus por ter mantido nele a sua fé e em Jesus, aos quais reconhece estar ligado com todas as fibras de seu ser (CJD, 236). Quanto ao “fator igreja”, não tem dúvida que ela produziu nele muito sofrimento. Ficaram os sinais dolorosos da “insensibilidade e desumanidade da autoridade central”. Como Jó, chegou a colocar questões: “Por quê? Que coisa fiz para sofrer tanto assim?” (CJD, 236). Conseguiu, então, entender a dor de teólogos como Küng, Congar, Chenu, Schillebeeckx e Leonardo Boff. Aprendeu, duramente, que “a igreja não é a cúria romana com sua burocracia. A igreja é o povo reunido em torno a Jesus Cristo” (CJD, 237). Ao rever com atenção os passos da sua vida, mesmo reconhecendo tanto sofrimento ao final da caminhada, percebe que a providência de Deus e o cuidado paterno evitaram um dano maior, regando sua trajetória com uma constante solicitude (CJD, 278).

Dupuis reconhecia que na sua “tormentosa experiência” estava em boa companhia. E agradece à sua fé por tê-lo poupado dos ataques de raiva e das tentações. Recorda ter lido uma ocasião, com certa perturbação, uma declaração de Leonardo Boff anunciado sua saída da ordem e do sacerdócio. Decidia “permanecer fiel a si mesmo e à própria vocação”. Aquilo que na ocasião causou impacto passou a ser verossímil, e, daí em diante, ele ganhou grande simpatia no coração de Dupuis, que passou a entender e aceitar a sua decisão (CJD, 237-238).

Ao completar 80 anos, a editora Orbis Books, que tinha publicado muita coisa de Dupuis, resolveu fazer um livro de homenagem ao grande teólogo belga (Festschrift). A obra foi publicada em 2003, sob a direção de Daniel Kendall e Gerald O’Collins, com o belo título: “In many and diverse ways. In honour of Jacques Dupuis”. O livro foi lançado na Gregoriana, apesar de protestos de membros da comunidade jesuíta, particularmente do pe. Ladaria, que atualmente preside a Congregação para a Doutrina da Fé<sup>18</sup>.

Ao final de sua vida, Dupuis teve ainda um outro desgosto. Não recebeu a autorização de seu superior para viajar ao Canadá e proferir um curso, além de ganhar o título de doutor honoris causa na Regis College. Teria que passar sete semanas no Canadá e para isso precisava da auto-

<sup>18</sup> Na ocasião em que o clássico livro de Dupuis foi lançado, Ladaria fazia parte da Comissão Teológica Internacional, que em 1997 publicou um documento mais restritivo sobre o tema do cristianismo e as religiões, que foi na ocasião objeto da crítica de Dupuis. Da comissão fazia igualmente parte o teólogo jesuíta brasileiro Mário França de Miranda. (Nota do autor)

rização do padre Germán Arana, que na ocasião era o superior da comunidade dos jesuítas da Gregoriana. A reação do superior foi negativa, e a viagem, vista como “inoportuna”. A autorização veio então recusada, provocando muita angústia em Dupuis. No meio de todo esse “furacão”, Dupuis buscou novo contato com o Geral, escrevendo a ele uma longa carta, em 16/12/2004, detalhando tudo o que estava ocorrendo (CJD, 370-373). Não deu tempo de receber resposta, pois faleceu em 28 de dezembro de 2004, depois de ter desfalecido um dia antes no refeitório da Gregoriana. A missa de exéquias ocorreu na capela da comunidade da Gregoriana, em 30 de dezembro de 2004, celebrada por um representante do pe. Geral, Kolvenbach. Ali estavam presentes os amigos mais fiéis, entre os quais, Michael Fitzgerald, que concelebrou a missa, e Gerald O’Collins, seu advogado nas horas mais decisivas.

A comunidade teológica e a igreja perderam um grande teólogo, alguém de “alma nobre”, cuja reflexão sobre o cristianismo e as outras religiões abriu um horizonte novo para o mundo eclesial. Vemos isso com clareza na presença do papa Francisco, também jesuíta, mas com um toque de sensibilidade franciscana, que também vem abraçando o diálogo com todo carinho e rebate a cada dia a ideia de que a “diversidade é bela”. O editor do livro-entrevista de Jacques Dupuis, Gerard O’Connell, perguntou a Dupuis no final de junho de 2003, como ele prestaria contas a Cristo no final dos tempos, tendo em vista a sua produção teológica. E ele respondeu muitas coisas, entre as quais: “Acredito que o Senhor, que lê os segredos do coração, saberá que a minha intenção ao escrever o que escrevi e dizer o que disse foi simplesmente expressar da melhor forma a minha fé nele e minha total dedicação” (CJD, 35).

## Leia mais

- **A feminilidade da mística em Teresa d’Ávila.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do Dia de 10-10-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2rn1hFu>.

- **A poesia do Jesus de Pasolini.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do Dia de 06-04-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/33Ysujw>.

- **O sagrado dever da hospitalidade.** Artigo de Faustino Teixeira, publicado nas Notícias do Dia de 24-12-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2rVNVnd>.

- **Leonardo Boff: amigo do bem.** Artigo de Faustino Teixeira, publicado nas Notícias do Dia de 14-12-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2NVLSrU>.

- **Etty Hillesum canta a alegria contra o ódio.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do Dia de 05-01-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2OoB7x3>.

- **Deus não tem religião.** Artigo de Faustino Teixeira, publicado nas Notícias do Dia de 04-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2wqtOP9>.

- **Estar simplesmente presente: Merton e a vida contemplativa.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do Dia de 10-12-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2NYblkh>.

- **O desafio de habitar a complexidade de um mundo vital.** Artigo de Faustino Teixeira, publicado nas Notícias do Dia de 14-11-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2QtD9ij>.

- **O missionário Jacques Dupuis.** Artigo de Giorgio Bernardelli, publicado nas Notícias do Dia de 08-11-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/355cexk>.

Outras edições em [www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores](http://www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores)



## Midiatização. Um modo de ser em rede comunicacional

Edição 289 – Ano IX – 13-04-2009

*O complexo processo da midiatização da sociedade é o tema ao qual diversos estudiosos têm se dedicado nos últimos dez anos. Nesta edição da revista IHU On-Line, Pedro Gilberto Gomes, José Luiz Braga, Antonio Fausto Neto e Jairo Ferreira, pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, ajudam a compreender o fenômeno.*



## Linguagem e Interação. Diálogo, identidade e cultura

Edição 467 – Ano XV – 15-06-2015

*Em um mundo complexo e ao mesmo tempo interligado, cuja Torre de Babel contemporânea é construída pelas interações entre os humanos e as tecnologias, um dos desafios é a promoção do diálogo entre as diversas identidades e culturas. Este é o tema em discussão na edição da revista IHU On-Line desta semana em que se realiza, em São Leopoldo, o III Congresso Internacional Linguagem e Interação, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos.*



## Sociabilidade 2.0. Relações humanas nas redes digitais

Edição 502 – Ano XVII – 10-04-2017

*Rede social é algo que se estabelece no instante em que o ser humano passa a viver em grupo. Essas relações vão se transformando com o desenvolvimento da humanidade. Tal perspectiva desconstrói a ideia de que o mundo digital trouxe novidade para as relações entre as pessoas a partir das redes sociais digitais. Com a internet, o que passa a haver é uma explosão “de possibilidades de modos de estar junto”, como define o professor Fábio Malini, da Universidade Federal do Espírito Santo, um dos entrevistados dessa edição da IHU On-Line.*

# HOMO DIGITALIS

A ESCALADA DA ALGORITMIZAÇÃO DA VIDA

APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

ACESSE A CONVOCATÓRIA EM:

[bit.ly/simposioIHU](http://bit.ly/simposioIHU)



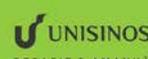
## DIREITO À MORADIA

EM DIREÇÃO ÀS CIDADES  
SUSTENTÁVEIS

uma agenda para 2020  
em São Leopoldo

22/11 sexta-feira  
Sala Colaborativa  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

[ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)



## IHU IDEIAS

Projetos de Reforma tributária no Brasil e a  
(des)igualdade. Possibilidades e Limites

Profa. Dra. Rosa Angela Chieza - UFRGS

21 de novembro de 2019 | 17h30min

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU  
Campus Unisinos São Leopoldo

